

Rafael de Bivar Marquese

Memorial

**Concurso público de títulos e provas visando à
obtenção do título de Livre-Docência no
Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, área de História da
América Colonial**

São Paulo,
Março de 2012.

Este memorial acadêmico prestará contas das atividades que desenvolvi no Departamento de História após nele ingressar como professor doutor em Regime de Dedicção Integral à Docência e Pesquisa (RDIDP), no primeiro semestre de 2003. Por ocasião de meu concurso para a disciplina de História do Brasil Colonial, realizado em dezembro de 2002, fui obrigado a compor documento de igual natureza, que cobriu o período anterior à minha contratação pela Universidade de São Paulo. Devo, no entanto, começar com algumas observações sobre aquele período.

*

Defendi minha tese de doutorado em História Econômica, no Departamento de História da FFLCH/USP, no início de dezembro de 2001. Exatamente um ano depois, prestei o concurso para a instituição onde realizei toda minha formação, da graduação ao doutorado. Na USP, 2002 foi marcado pela longa – e vitoriosa – greve estudantil na FFLCH, que paralisou suas atividades de 29 de abril a 14 de agosto. Como se sabe, o movimento foi deflagrado em resposta à carência de professores e às salas superlotadas na graduação, resultado imediato da ausência de uma política de reposição de claros dos docentes que se aposentaram em grande número ao longo da década de 1990. O estopim para a eclosão da greve foi a abertura, em meados de abril, de editais de concursos para apenas 16 vagas de professor doutor, para toda a FFLCH – dentre as quais, o claro a que me candidatei, anteriormente ocupado por Mary del Priore, que pedira exoneração dois anos antes. A greve representou um corte significativo no movimento estudantil dentro da USP. No período de minha graduação (1990-1993), as grandes passeatas e manifestações pelo *impeachment* de Collor pouca ressonância tiveram ali. Por um olhar retrospectivo pode-se dizer que vivíamos, então, a “ressaca” da década anterior, da geração que havia vivenciado os últimos anos da ditadura. Da segunda metade dos anos 90 em diante, tratou-se de outro ME, que deitou as fundações da atual cultura política do movimento estudantil uspiano.

A dinâmica da greve acabou por atrasar o concurso de Brasil Colonial, que só se realizou ao final daquele ano. O hiato permitiu que eu me preparasse de forma adequada para as provas, sempre aos finais de semana. Em 2002, trabalhei simultaneamente como professor horista na Unifio, em Osasco (20 horas, quatro noites por semana), como professor substituto, na PUC-SP (16 horas, três manhãs e uma noite), e como tutor do programa PEC-USP (12 horas semanais). Em meio a essa carga insana de trabalho, as atividades de pesquisa ficaram completamente suspensas.

Apesar de ex-aluno do Departamento, ingressei sem uma expectativa previamente formada do que seria atuar como docente, talvez por jamais ter pensado seriamente na possibilidade de trabalhar no mesmo local onde me formara. A atitude certamente derivava do fato de eu não ter, até bem pouco tempo antes de ser aprovado no concurso, conexões diretas com os grupos de pesquisa e de poder acadêmico sedimentados no Departamento de História. Antonio Penalves Rocha, meu orientador de iniciação científica (1992-1993), mestrado (1994-1997) e doutorado (1997-2001), estava isolado daqueles grupos.

Meus interlocutores durante o doutorado foram basicamente três amigos do programa de História Social, que não trabalhavam com o tema da escravidão negra nas Américas. Fábio Duarte Joly (hoje, na UFOP, após uma passagem pela UFRB) pesquisava escravidão romana, sob orientação de Norberto Guarinello; João Paulo Garrido Pimenta (hoje, na USP) e Andréa Slemian (hoje, na Unifesp) trabalhavam com o período da crise do colonialismo português na América, sob orientação de István Jancsó. Os três, ao contrário do que ocorria comigo, estavam vinculados a sólidos grupos de pesquisa. Norberto já era, então, um dos principais formadores de quadros em História Antiga na universidade brasileira, enquanto István articulava, naquele exato momento, um projeto coletivo com pesquisadores de diferentes universidades e centros de pesquisa que trabalhavam com o tema da construção do Estado e da nação brasileira.

Ainda em relação ao período de formação, preciso salientar minhas conversas com Dale Tomich, que ofereceu, em maio/junho de 1998 (no início do meu doutorado, portanto), um curso de pós-graduação na História Social. Durante sua curta estadia, travamos grande amizade. Entre 1998 e 2001, mantive ativa correspondência eletrônica a respeito de nossos trabalhos; por um lado, seus artigos sobre teoria e método e, sobretudo, seu ensaio sobre a segunda escravidão, reunidos em livro publicado em 2004, foram centrais para a formatação da terceira parte da minha tese de doutorado; por outro lado, minha dissertação de mestrado, publicada em livro em 1999, teve grande importância para o ensaio que ele redigiu sobre Francisco de Arango y Parreño, publicado em 2003 na *Comparative Studies in Society and History* e, também, na *Revista de História*.

Nos meses finais do doutorado, eu havia me aproximado do grupo de pesquisadores capitaneado por István Jancsó; no seminário internacional por ele organizado em setembro de 2001, apresentei um trabalho no qual sintetizava o argumento sobre o princípio da soberania doméstica no governo dos escravos e sua

compatibilidade com as ordens liberais no Brasil e nos Estados Unidos oitocentistas, parte três de minha tese de doutorado. O seminário, ponto de partida do Projeto Temático sobre o Estado nacional brasileiro submetido à FAPESP em 2002, resultou no livro *Brasil: Formação do Estado e da Nação*, publicado pela Hucitec em 2003. No final de 2002, quando eu ainda estava fora da USP preparando-me para o concurso de Brasil Colonial, fui convidado por István para fazer parte, como recém-doutor, da equipe do Projeto Temático.

*

Ao ser contratado pela USP em maio de 2003, propus como projeto de pesquisa para RDIDP uma investigação intitulada “A ideologia pró-escravista na América portuguesa e no Império do Brasil, 1680-1850”. Em sua face oitocentista, ela se articulava diretamente ao Temático FAPESP recém-aprovado. Por meio do exame de discursos emitidos no parlamento e na imprensa, eu pretendia examinar o conjunto de idéias que deram sustentação à escravidão negra durante o processo de formação do Estado imperial brasileiro. Minhas atividades como orientador começaram já em agosto de 2003. Tâmis Parron e Alain El Youssef, que haviam sido alunos da minha primeira turma de graduação do curso de História do Brasil Colonial, procuraram-me ao final do semestre para buscar orientação acadêmica. Sugeri que cada qual trabalhasse com um dos dois *corpus* documentais selecionados para a pesquisa sobre a ideologia da escravidão no Brasil do século XIX: os *Anais* parlamentares e a imprensa periódica do Rio de Janeiro. Ambos elaboraram rapidamente seus projetos de pesquisa de iniciação científica, que foram aprovados pela FAPESP no início de 2004.

A partir de 2003, houve um grande bafejo de novidade no Departamento de História, em razão dos quase trinta concursos que foram abertos para a contratação de novos docentes, na esteira da greve vitoriosa de 2002. A onda de renovação se expressou igualmente na pós-graduação. A coordenação do Programa de História Social, ao qual me credenciei ao ingressar no Departamento, abriu espaço para a rediscussão de suas linhas de pesquisa. Diante das novas possibilidades, em agosto de 2003 procurei colegas que trabalhavam com o tema da escravidão negra no Brasil e da história da África pré-colonial, em sua maioria há pouco tempo pertencentes aos quadros do Departamento (Carlos Zeron, Carlos Bacellar, Maria Cristina Wissenbach e Marina de Mello e Souza; Maria Helena Machado, na ocasião, estava nos Estados Unidos), propondo que criássemos uma nova linha de pesquisa, intitulada *Escravidão e História Atlântica*. No primeiro semestre de 2004, a linha foi devidamente formalizada.

Foi por volta dessa época que comecei a preparar meu primeiro curso de pós-graduação. A iniciativa coube à minha colega de Projeto Temático Márcia Regina Berbel, que ingressara em 2001 na USP, depois de uma longa trajetória na UNESP de Marília. Em setembro de 2003, realizou-se no Departamento de História o Seminário Internacional *Independência: História e Historiografia*, o primeiro grande evento formal do Projeto Temático FAPESP coordenado por István Jancsó. O livro correspondente foi publicado em 2005, novamente pela Hucitec. Dentre os pesquisadores estrangeiros que apresentaram trabalhos no seminário, estava Matthias Röhrig Assunção, da Universidade de Essex. Diante da informação de que ficaria no Brasil ao longo do ano seguinte, Márcia lhe sugeriu compartilhar um curso de pós-graduação na História Social da USP. Logo após a exposição do meu texto, sobre a ideologia da escravidão no Brasil, em Cuba e nos Estados Unidos nas décadas de 1810-1820 (primeiro resultado na minha pesquisa de RDIDP), Márcia também me convidou a participar do curso. Idéia sedutora: discutir em sala de aula, com dois grandes especialistas em História Política, as interfaces entre política e escravidão nas Américas na virada do século XVIII para o XIX.

*

Em 2004, ano em que publiquei minha tese de doutorado pela editora Companhia das Letras (*Feitores do Corpo, Missionários da Mente. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*), o trabalho acadêmico progrediu bem. A linha *Escravidão e História Atlântica* começou suas atividades, com a realização de seminários mensais entre professores e alunos de IC e de pós-graduação. Nos seus primeiros anos, os seminários chegariam a contar em diferentes ocasiões com a participação de vários historiadores de peso (Emília Viotti da Costa, Luiz Felipe de Alencastro, Serge Gruzinski, Dale Tomich, Federico Navarrete, Christopher Schmidt-Nowara, Joseph Miller, Robert Slenes, Silvia Lara, João José Reis, François Hartog, dentre outros). Em setembro, organizei com duas colegas de linha – Cristina Wissenbach e Maria Helena Machado – um simpósio temático na Anpuh Regional de São Paulo, promovida na Unicamp. Na oportunidade, apresentei o artigo “Moradia escrava na era do tráfico ilegal”, **capítulo 9** da tese de livre-docência, que seria publicado no ano seguinte nos *Anais do Museu Paulista*. No segundo semestre de 2004, eu já tinha quatro alunos de IC sob minha orientação, todos com bolsa FAPESP, participando das atividades da linha (Tâmis Parron, Alain El Youssef, Waldomiro

Lourenço da Silva Júnior e Rafael Vieira Valente), bem como duas alunas de mestrado, também bolsistas FAPESP (Ynaê Lopes dos Santos e Renata Romualdo Diório).

Os dois avanços mais significativos de 2004, contudo, estiveram fora da linha de pesquisa. Nos meses de julho e agosto, conversei longamente com Dale Tomich, durante estadia familiar dele em São Paulo. Em outubro de 2002, eu havia feito uma rápida viagem de um dia, com ele e com Carlos Bacellar (então meu colega na Unifício), aos municípios do fundo do Vale do Paraíba paulista – Areias, São José do Barreiro, Arapeí, Bananal. Nossos objetivos eram distintos: Carlos e eu preparávamos um estudo do meio para os alunos de nosso curso de graduação da Unifício; Dale vinha planejando com um colega seu da Universidade de Binghamton, Charles Burroughs, um projeto sobre cartografia de *plantation* nas Américas, e queria visitar algumas fazendas da região do Vale. Na fazenda Resgate, que conhecíamos apenas pelo livro editado por Hebe Mattos e Eduardo Schnoor, tomamos um choque: suas pinturas parietais suscitavam toda uma ordem de problemas sobre a herança cultural européia para o mundo das *plantations* escravistas americanas que não fora suficientemente explorada. De volta ao seu país, Dale reconfigurou, durante 2003, o projeto que preparava com Burroughs. Em nossas conversas de julho/agosto de 2004, discutimos bastante o novo rumo que se pretendia tomar, em um projeto que os dois submeteriam ainda naquele ano à *Getty Foundation*. O texto que apresentei na Anpuh Regional, em setembro de 2004, já fazia parte dessa ordem de preocupações.

O segundo avanço ocorreu com o curso de pós-graduação oferecido em parceria com Matthias Röhrig Assunção e Márcia Berbel. Intitulado “Política e Escravidão na Era das Revoluções Atlânticas, 1770-1840”, ele teve aspectos negativos e positivos: os encontros compartilhados com Matthias foram poucos – quatro ao todo – e confusos, mas, com Márcia, surgiu uma grande sinergia nas oito aulas que ministramos juntos. Ao cruzarmos nossas distintas trajetórias (ela, especialista em política parlamentar durante a crise dos impérios ibéricos; eu, em escravidão negra nas Américas), pudemos elaborar uma série de questões sobre a escravidão nos impérios ibéricos para as quais não tínhamos respostas. No final de 2004, eu deixaria para trás o projeto sobre ideologia da escravidão no Brasil, optando por mergulhar no tema da política da escravidão nas Américas durante a Era das Revoluções. Igualmente decisivo para esse impulso foram os primeiros resultados das pesquisas de IC de Tâmis e Alain: o problema da escravidão no Parlamento e na imprensa do Brasil passara a ser da responsabilidade deles.

O segundo semestre de 2004 foi marcado positivamente, ainda, pela minha primeira experiência em evento científico no exterior. No início do ano, recebi pela rede H-Net uma convocatória para um seminário sobre comparação entre sistemas escravistas antigos e modernos, que seria promovido, em novembro, pela Universidade Nacional da Irlanda, em Galway. Em 2003, eu havia escrito um livro paradigmático sobre escravidão antiga e moderna com Fábio Joly, cujo doutorado em andamento na USP tratava da ideologia da escravidão no principado de Nero; no mesmo ano, ele publicara um excelente artigo na *Revista Brasileira de História* sobre espaço, poder e escravidão em Columella. Ou seja, a partir de recortes temporais distintos, mantínhamos um núcleo comum de preocupações temáticas e metodológicas. A convocatória de Galway pareceu-nos a ocasião perfeita para tentarmos uma análise integrada dos nossos problemas, por meio de um exame verticalizado da recepção dos clássicos sobre agronomia e *oikonomia* na literatura jesuítica da América portuguesa. Fomos aceitos com entusiasmo pelos organizadores do evento, mas, para nós, o entusiasmo com o seminário e com uma Guinness *in loco* veio mesmo com a divulgação do programa definitivo, que trazia um time de primeira de historiadores e cientistas sociais acostumados com perspectiva comparativa de largos horizontes (dentre os quais, Orlando Patterson, Joseph Miller, Michael Zeuske, Walter Scheidel e Stanley Engerman). Nosso trabalho foi bem aceito durante o seminário, sendo incorporado ao volume que os organizadores Enrico Dal Lago e Constantina Katsari prepararam para a Cambridge University Press em 2008. Em razão desse artigo, recebemos em 2009 o convite para escrevermos um ensaio comparativo sobre a escravidão romana e brasileira para o *Oxford Handbook of Greek and Roman Slavery*, editado por Konstantinos Vlassopoulos, Steve Hodkinson e Marc Kleijwegt, previsto para sair em 2012. A redação do novo artigo foi encarada por nós como o núcleo de um projeto de pesquisa sobre o assunto.

No campo das atividades docentes, as disciplinas de História do Brasil Colonial I e II caminhavam bem. No campo das atividades administrativas, nem tanto. Assim que ingressei no Departamento, fui eleito representante titular na Comissão de Cultura e Extensão da FFLCH/USP, cargo que ocupei até julho de 2005. O trabalho era de natureza estritamente burocrática, isto é, a supervisão, por meio de múltiplos pareceres, dos cursos de extensão à comunidade externa oferecido nas Letras e, em menor escala, na História e na Geografia. Vez ou outra, emiti pareceres sobre projetos de pesquisa específicos que envolviam em certo grau atividades de extensão. Em uma dessas

ocasiões, tive uma experiência ruim, mas que foi importante – avalio agora, anos depois – para a definição de minha atuação dentro da universidade. Ao apreciar o relatório final de um projeto de pesquisa, constatei problemas graves no conteúdo do material oferecido em vista dos recursos que haviam sido aprovados. Em meu parecer, reportei o que havia de errado, indicando que o processo permanecesse em aberto até que fosse produzido um novo relatório, condizente com o montante despendido. A presidência da Comissão de Cultura e Extensão, por razões que desconheço, não deu prosseguimento às providências cabíveis. O episódio demonstrou-me as dificuldades envolvidas na administração universitária, em vista da política miúda que com frequência nela se imiscuí. Logo, contudo, comecei a participar em dois projetos de pesquisa que reduziriam o tempo disponível para as atividades administrativas.

*

As atividades de docência e pesquisa seguiram vento em popa em 2005. Os trabalhos de IC de Tâmis Parron e Alain El Youssef ganhavam corpo, com boas descobertas. Naquele ano, escrevi meu primeiro artigo em parceria com Tâmis, uma edição crítica da *Memória sobre o Comércio dos Escravos*, publicada anonimamente em 1838. A historiografia sobre a escravidão brasileira considerava o bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho como o autor do documento. Por meio da crítica interna e externa da fonte, comprovamos que seu autor foi José Carneiro da Silva, primeiro visconde de Araruama. A atribuição correta modificava por completo o entendimento do documento, ajudando a avançar na compreensão da política da escravidão no Império do Brasil. Isso porque Araruama defendeu a reabertura do tráfico africano de escravos, proibido nas letras da lei desde 1831. Seu panfleto fez parte de uma política concertada dos conservadores para a expansão do escravismo brasileiro, a contrapelo das pressões inglesas, baseando-se, para tanto, em uma defesa claramente positiva do tráfico transatlântico e da escravidão negra. O artigo saiu na *Revista de História* da USP ainda em 2005.

Em setembro, ocorreu o segundo seminário internacional do Projeto Temático FAPESP. Márcia Berbel e eu avaliamos que era o momento de tentarmos responder às perguntas que havíamos formulado em nosso curso de pós-graduação do ano anterior, por meio de dois caminhos: o primeiro seria o de voltar a oferecer na História Social a disciplina “Política e Escravidão na Era das Revoluções Atlânticas”, desta vez em dupla e não em trio; o segundo seria a redação de um texto a quatro mãos para ser submetido ao seminário. Nesse artigo, **capítulo 2** da tese de livre-docência, examinamos os

argumentos e as estratégias que sustentaram o projeto político escravista dos representantes de Cuba e do Brasil nas Cortes de Cádiz (1810-1824), de Madri (1820-1823), de Lisboa (1821-1822) e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1823), inserindo-os no contexto mais amplo das discussões sobre escravidão negra nas Américas durante a Era das Revoluções. Em relação à escravidão, dois temas centrais foram tratados nessas ocasiões: o tráfico negreiro transatlântico e os direitos de cidadania para os libertos e os demais descendentes de africanos. Para o primeiro ponto, a solução encontrada pelos deputados cubanos e brasileiros foi a mesma, qual seja, silenciar o debate no âmbito constitucional e jogá-lo para o campo diplomático. A respeito do segundo ponto, no entanto, as saídas foram distintas. Enquanto os deputados de Cuba concordaram com a restrição dos direitos políticos de libertos e descendentes de africanos, os deputados do Brasil defenderam em Lisboa e no Rio de Janeiro a concessão desses direitos. Tal atitude dos representantes brasileiros derivou da percepção histórica da dinâmica da escravidão no Brasil, que permitia a introdução constante de cativos estrangeiros sem ameaçar a segurança interna dessa sociedade.

O texto gerou grande debate no seminário, e vários de nossos colegas discordaram do argumento sobre a solução inclusiva de cidadania para os ex-escravos nascidos no Brasil. Márcia teve oportunidade de apresentar esse mesmo artigo na Espanha, no final de 2005, para especialistas que trabalham com o tema da cidadania na crise do colonialismo ibérico. O argumento os convenceu. Fiz algo semelhante: por sugestão de Dale Tomich, que lera e gostara muito do texto, enviei-o por e-mail para Christopher Schmidt-Nowara, a quem eu ainda não conhecia pessoalmente. Nowara ficou entusiasmado com o que leu, e iniciamos troca de mensagens sobre as perspectivas que o trabalho abria. Todas essas discussões deixavam claro que tínhamos que aprofundar a mirada comparativa para fundamentar adequadamente o que estávamos afirmando sobre a natureza da construção institucional da ordem escravista brasileira oitocentista. Para o que, aliás, Wilma Peres Costa chamara a atenção durante o seminário de setembro: não daria para resolver todas as questões levantadas em apenas um artigo – para tanto, seria necessário escrever um livro.

A grande novidade de 2005, contudo, veio da Getty. Em novembro de 2004, Dale Tomich – em parceria com Charles Burroughs – apresentou àquela fundação um projeto de pesquisa intitulado *The World of the Plantation and the World the Plantations Made: the 'Great House Tradition' in American Landscape*. O projeto propunha examinar de forma comparativa a paisagem e a arquitetura de *plantation* em

três zonas escravistas das Américas ao longo do século XIX (as fazendas de café do Brasil, os engenhos de açúcar de Cuba, as *plantations* algodoeiras dos Estados Unidos), valendo-se de uma perspectiva interdisciplinar que combinaria as abordagens da história da arte e da arquitetura com as da história social e econômica. Como já escrevi, desde 2002 eu vinha conversando a respeito do tema com Dale. Na formatação final do projeto, fui inserido como interlocutor no Brasil, o mesmo ocorrendo com Reinaldo Funes Monzote, da *Fundación Antonio Nuñez Jiménez de la Naturaleza y el Hombre*, sediada em Havana, Cuba. O orçamento original do projeto, previsto para durar dois anos, era de 125.000 dólares. A surpresa chegou com a resposta positiva da fundação Getty, que não só o aprovava como propusera dobrar a dotação orçamentária, com a contrapartida de que os interlocutores no Brasil e em Cuba fossem incorporados como pesquisadores do projeto, em condições iguais aos dois pesquisadores dos Estados Unidos. Reinaldo sugeriu a Dale que Carlos Venegas, do *Instituto Juan Marinello* (também de Havana), fizesse parte da equipe. Em março, foi assinado o contrato, com início previsto para agosto de 2005 e, o término, para julho de 2007.

Por razões que até hoje não entendemos, Burroughs rapidamente tomou outro rumo e nunca chegou a trabalhar no projeto. De todo modo, no primeiro ano as atividades desenvolvidas foram promissoras. Meu primeiro texto composto para o projeto foi apresentado como conferência de abertura do *II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, sediado em Porto Alegre em outubro de 2005. Trata-se do **capítulo 10** da tese de livre-docência. O convite dos organizadores do evento me fora feito em março, e encarei a ocasião como uma boa oportunidade para avançar algumas hipóteses sobre as relações entre os ambientes construídos das *plantations* escravistas, seus respectivos processos produtivos e o papel do jogo político na conformação de casas-grandes e senzalas nos três espaços, hipóteses essas que provaram ser bastante profícuas no decorrer da investigação. Em novembro, o texto foi comentado com vagar por Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, em um encontro fechado na USP; suas observações nos guiariam durante toda a pesquisa.

Enquanto preparava o texto de Porto Alegre, convidei Reinaldo para dar um curso de pós-graduação no programa de História Social, com três semanas de duração, sobre açúcar e devastação ambiental em Cuba. Um meio para começarmos o trabalho conjunto enquanto não obtínhamos resposta do Departamento de Estado norte-americano, autorizando-nos a dar início às tratativas sobre a transferência de recursos para Cuba (resposta que, como seria de se esperar, nunca veio). A visita de Reinaldo foi

planejada para coincidir com o *I Seminário de História do Açúcar – Canaviais, Engenhos e Açúcar: História e Cultura Material*, promovido pelo Museu Paulista e pela Cátedra Jaime Cortesão da FFLCH/USP, sediado em Itu, na primeira semana de novembro de 2005, evento do qual fui um dos organizadores. Dale foi escalado como conferencista de encerramento.

Com a perspectiva de três membros do projeto Getty juntos no Brasil, planejamos a realização de nossa primeira viagem de pesquisa ao Vale do Paraíba. Eu já havia realizado uma exploração prévia das fazendas de Vassouras e Valença (e de respectivos fundos documentais) no mês de julho, entrando em contato com excelentes historiadores locais, como Adriano Novaes, Leila Alegrio e Roberto Guião. Agora, em outubro, eu iria ao campo com meus colegas de projeto. Mesmo com pouco planejamento, a viagem se converteu em uma espécie de *Magical Mystery Tour*. Antes de vir ao Brasil, Dale havia apresentado o projeto ao renomado grupo de arqueólogos da Diáspora Africana da Universidade de Syracuse, mencionando a viagem que iríamos fazer ao Vale do Paraíba. Um deles, Christopher DeCorse, viria ao Brasil em breve para visitar a escavação que um orientando de doutorado, Marcos André Torres de Souza, realizava em uma antiga fazenda de Goiás. Por coincidência, eu já estava em contato com Marcos, que me escrevera no início de 2005 em razão do meu livro lançado em outubro do ano anterior; enviei-lhe o artigo sobre moradia escrava e iniciamos uma boa troca de correspondência eletrônica. Chris DeCorse e Marcos se dispuseram imediatamente a nos acompanhar na visita ao Vale do Paraíba. Completando a equipe, houve outra historiadora e arqueóloga, Camilla Agostini, autora de uma dissertação de mestrado sobre identidades africanas em Vassouras e que eu encontrara, em agosto daquele ano, em um seminário organizado por Flávio Gomes e Olívia Gomes da Cunha na UFRJ. Rapidamente ficamos amigos; com a confirmação de DeCorse e Marcos, convidei-a a nos acompanhar.

Durante a frenética semana que passamos com os arqueólogos zigue-zagueando pelo Vale, correndo atrás de lixeiras do século XIX e prestando atenção aos cortes de terreno, deslocamentos de massas, técnicas construtivas, compactação de solo, paredes derrubadas e tudo o mais o que encontrávamos nas antigas fazendas, aprendemos alguns rudimentos básicos de leitura de paisagens e ambientes construídos. Se isso não nos tornou arqueólogos, ao menos nos forneceu ferramentas que seriam importantes para nossos futuros trabalhos de campo no Vale do Paraíba, no Vale do Mississippi e em Cuba. Algo ficou claro para mim: com a experiência do curso de pós-graduação com

Márcia Berbel e Matthias Assunção, e com essa vivência em campo com Dale, Reinaldo, DeCorse, Marcos e Camilla, eu nunca mais iria repetir a prática de pesquisa solitária de meu doutorado.

O último evento de 2005 que vale mencionar foi minha participação no *I Encontro de Historiadores Brasileiros e Colombianos*, organizado pelo Instituto de Cultura Brasil-Colômbia de Bogotá, fundação adida à Embaixada do Brasil naquele país. A idéia do então diretor do Instituto, Ivan Nicholls, era promover um encontro entre quatro historiadores colombianos (Gonzalo Sánchez, Margarida Garrido, Catalina Reyes, Oscar Almario) e quatro brasileiros (Maria Helena Capelato, Laura de Mello e Souza e João Paulo Garrido Pimenta e eu) que tratassem de temáticas comuns, em um ciclo de dois dias de conferências sediadas no Museu Nacional da Colômbia. O convite enfatizara a necessidade de apresentarmos textos de síntese, com o conhecimento mais atualizado possível, voltado tanto ao público acadêmico como a ouvintes não especializados. Ou seja, uma tarefa difícil, mas que representava boa oportunidade para colocar no papel algumas idéias que eu vinha elaborando a partir das discussões no curso de pós-graduação: como entender o que os deputados brasileiros falaram em Lisboa e no Rio de Janeiro a respeito da escravidão e do papel dos libertos para sua manutenção? Como compreender a leitura que eles fizeram do protagonismo escravo na Era das Revoluções? Como compreender que o Brasil, maior importador de escravos africanos, não passou pelas mesmas tensões que galvanizaram Cuba? O texto que escrevi, **capítulo 1** da tese de livre-docência, foi igualmente informado pelas minhas conversas com Fábio Joly sobre modelos de análise de sociedades escravistas (naquele momento, ele estava escrevendo um livro sobre o assunto para a editora Alameda, intitulado *A escravidão na Roma antiga. Política, economia e cultura*) e pelo teor dos debates sobre o “haitianismo” e os impactos da resistência escrava sobre a dinâmica macro-política que vinham ocorrendo entre os especialistas em escravidão brasileira. Dentre esses últimos, destaco as discussões que travei durante o Seminário Internacional *Independência: História e Historiografia* (setembro de 2003) com Matthias Röhrig Assunção, Ubiratan de Castro Araújo, Marcus Carvalho e Hendrik Kraay; o debate público com João José Reis por ocasião do lançamento da edição revista e ampliada de seu livro clássico sobre a rebelião dos malês (agosto de 2003; o texto de minha intervenção foi publicado no *Jornal de Resenhas da Folha de São Paulo*); sobretudo, o teor da introdução que Robert Slenes preparou para o livro *A Hidra e os Pântanos*, de Flávio dos Santos Gomes (Ed.Unesp, 2005).

Após apresentá-lo na Colômbia, pude discuti-lo – a convite de Luiz Geraldo Silva – na Linha de Pesquisa *Espaço e Sociabilidades* do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. O seminário se deu em outubro de 2005, e foi mais produtivo do que a exposição em Bogotá. Logo depois, o ensaio seria publicado na revista do *Cebrap*, por sugestão de Miriam Dolhnikoff que, após lê-lo em janeiro de 2006, disse-me que a revista era particularmente receptiva a ensaios dessa natureza. Flávio Gomes e Roquinaldo Ferreira leram uma versão inédita do texto nessa época, e se sentiram estimulados a escrever uma crítica com o objetivo de publicá-la no mesmo número em que sairia o meu artigo. O artigo deles, contudo, foi editado apenas dois anos depois.

*

Os debates de 2005 levaram-me, no ano seguinte, a escrever um novo texto com Márcia Berbel dentro dos marcos do Projeto Temático FAPESP. O impulso imediato para a redação veio em resposta a um convite feito por Christopher Schmidt-Nowara para uma conferência de um dia na Fordham University (*Slavery, Enlightenment, and Revolution in Colonial Brazil and Spanish America*), com a participação adicional de Stuart Schwartz, Michael Zeuske, Dale Tomich e Astrid Cubano-Iguina. O texto, intitulado “A ausência da raça: escravidão, cidadania e ideologia pró-escravista nas Cortes de Lisboa e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1821-1824)”, **capítulo 3** da livre-docência, procurou explorar de modo mais adequado uma hipótese avançada em nosso primeiro trabalho conjunto, vale dizer, a definição inclusiva de cidadania para descendentes de africanos inscrita na Constituição brasileira de 1824 e suas relações com a reprodução do edifício escravista brasileiro do século XIX. Sua versão em inglês foi publicada, em 2007, na *Social History*; Márcia o apresentou na Espanha, em julho de 2006 (versão publicada em espanhol, como capítulo de livro, em 2009); no Brasil, pude fazê-lo em um seminário organizado por Marco Antonio Silveira e Cláudia Chaves na Universidade Federal de Ouro Preto, em maio de 2007 (versão em português publicada neste mesmo ano). Em todos esses encontros, o texto foi muito bem recebido, mas é importante esclarecer que, tal como havia ocorrido com nosso primeiro artigo e com meu ensaio sobre a dinâmica da escravidão no Brasil, as objeções mais agudas vieram de historiadores brasileiros vinculados a uma determinada perspectiva da história social.

Aproveitei o seminário em Nova Iorque e passei a primeira semana de maio de 2006 na casa de Dale, em Binghamton, discutindo o andamento do projeto Getty. Dois

meses depois, em julho, repetimos a experiência em minha casa, em São Paulo. Nessas duas ocasiões, iniciamos a preparação de um texto conjunto sobre cafeicultura, que seria redigido em 2007. Vínhamos encontrando enormes dificuldades para mantermos interlocução com os cubanos: a troca de mensagens eletrônicas com Reinaldo Funes não funcionava adequadamente e, depois de um ano de vigência do projeto, ainda não tínhamos encontrado pessoalmente Carlos Venegas.

De todo modo, houve avanços importantes em 2006. Um dos mais relevantes foi propiciado pela participação no *I Seminário de História do Café: História e Cultura Material*, promovido pelo Museu Paulista da USP novamente em Itu, no mês de novembro. Dividi as tarefas de organização do evento com Carlos Bacellar e Paulo César Garcez Marins, e apresentei um texto sobre as pinturas de fazendas de café do Vale do Paraíba compostas por Georg Grimm e Nicolau Facchinetti nas décadas de 1870 e 1880, um dos principais repertórios visuais que estávamos explorando no projeto Getty. O artigo, publicado em 2007 na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, examinou os princípios que regeram a conformação da pintura de paisagem dos dois artistas e a natureza do diálogo que estabeleceram com a crise da escravidão brasileira. Desenvolvi a hipótese de que o gênero da pintura de paisagem foi mobilizado pela classe senhorial do Vale do Paraíba como uma resposta direta à crise da escravidão negra no Império do Brasil.

A recepção à chamada de trabalhos superou o que esperávamos. Pudemos contar com renomados especialistas latino-americanos em história do café (dentre os quais, Renzo Ramírez Bacca, da Colômbia, e Alejandro García, de Cuba); para a conferência de abertura, com Francisco Vidal Luna; para a de encerramento, com Steven Topik. Nas mesas sobre arquitetura do café, apresentaram trabalhos André Argollo e Wladimir Benincasa, com os quais eu já vinha mantendo contato desde o ano anterior. Resolvemos, ainda, convidar colegas brasileiros para a composição de uma mesa redonda especial, intitulada *Escravidão e cafeicultura no Centro-Sul do Brasil*. Ela merece destaque pelos desdobramentos que teria para minha futura trajetória de trabalho coletivo. Dois dos participantes, Robert Slenes e José Flávio Motta, haviam desenvolvido trabalhos de referência obrigatória nessa temática. O terceiro, ainda não. Em dezembro de 2004, logo após a publicação de meu livro *Feitores do Corpo*, recebi um e-mail de Ricardo Salles, então na UERJ-São Gonçalo. Eu havia lido o trabalho dele sobre a Guerra do Paraguai, mas não o conhecia pessoalmente. Na mensagem, Ricardo dizia-me que estava pesquisando a demografia escrava em Vassouras, em uma

investigação que tinha por foco as relações sociais de força entre senhores e escravos ao longo do século XIX e como elas se cruzavam com a dinâmica política imperial. Os padrões demográficos encontrados sugeriam os fazendeiros de Vassouras tiveram sucesso em aplicar o receituário de gestão escravista que eu identificara nos manuais agrícolas do período. Iniciamos, então, uma frutífera troca de correspondência, na qual eu remeti os textos escritos para o projeto Getty e, ele, as primeiras versões de um livro que preparava sobre sua pesquisa. Fiquei particularmente impressionado com o trânsito efetuado entre as realidades demográficas e sociais das fazendas de café do Vale do Paraíba e os gabinetes imperiais, onde se discutia o futuro político da escravidão. Daí minha sugestão para que Carlos Bacellar, Paulo Garcez e eu convidássemos Ricardo Salles a compor a mesa com Robert Slenes e José Flávio Motta.

O evento acadêmico mais prazeroso de 2006, contudo, deu-se em julho, na Anpuh Regional de São Paulo, realizada na Unesp de Assis. Em nome da diretoria da associação, Sylvia Bassetto convidou-me a participar, ao lado de Cristina Wissenbach, de uma mesa em homenagem aos 40 anos de lançamento do livro *Da Senzala à Colônia*, de Emília Viotti da Costa. Alguns meses antes, eu participara de uma mesa com formato semelhante no Cebrap, em que discuti a obra de Fernando Novais em debate com Pedro Puntoni. Na Anpuh, a maior honraria esteve em dividir a mesa com a própria professora Viotti da Costa, a única historiadora profissional cujo trabalho eu lera no segundo grau. Esses dois eventos – no Cebrap e na Anpuh – deram-me ensejo para fundamentar, por meio de um diálogo crítico com duas obras canônicas, o percurso que eu estava percorrendo nos projetos de pesquisa coletivos nos quais participava. Esse caminho bebia diretamente em uma tradição intelectual que fora deixada de lado pela renovação da historiografia brasileira posterior aos anos 1980. Tentei sintetizar essas preocupações no capítulo 1 do livro *Escravidão e Política: Brasil e Cuba, c.1790-1850*, bem como no texto que segue como **capítulo 13** da livre-docência.

Ao término de quatro anos (2003-2006) lecionando a disciplina de História do Brasil Colonial, meu desconforto com o que eu tinha que tratar em sala de aula era crescente. Como matéria obrigatória voltada ao primeiro ano da graduação, o curso devia necessariamente ter uma abordagem panorâmica, discutindo temas e debates consagrados na historiografia sobre o período: expansão ultramarina, feitorias e donatarias, montagem do complexo açucareiro, transição da escravidão indígena para a africana, União ibérica, investidas holandesas, exploração do Vale Amazônico, mineração, estruturas agrárias, administração colonial, caracterização da sociedade

escravista e seus aportes culturais, reformismo ilustrado, crise do sistema colonial. No entanto, em que pese uma produção historiográfica pujante do ponto de vista empírico, minha avaliação era a de que os debates sobre os modelos de análise do mundo colonial brasileiro haviam se tornado muito paroquiais. Quando não ditadas por uma crescente fragmentação espacial e temporal de seus objetos, as abordagens mais ambiciosas – salvo uma ou outra exceção – demonstravam ser incapazes de ir além de contraposições dicotômicas, ditadas antes de tudo pela lógica da disputa de poder acadêmico embutida nos paradigmas de interpretação histórica. Incomodava-me, acima de tudo, a ausência de esforços para inscrever o mundo colonial português nos quadros mais amplos do processo da colonização europeia do Novo Mundo.

No que se refere às atividades administrativas, saí da Comissão de Cultura e Extensão e voltei minhas energias para o trabalho na comissão editorial da *Revista de História*. Como se sabe, ela é uma das revistas especializadas em História mais antigas do Brasil. Fundada em 1950 por Eurípedes Simões de Paula, a *Revista de História* teve, ao longo de seus 58 anos, duas séries. Na primeira, de sua fundação até 1977 (ano do falecimento de Simões de Paula), foram publicados 112 números em periodicidade trimestral. Após uma interrupção de seis anos, a segunda série foi iniciada em 1983 com periodicidade semestral. Entre 1985 e 1994, o periódico enfrentou dificuldades, e, desde sua reformulação editorial em 1995, ele vinha às duras penas mantendo sua periodicidade. Como parte da crise que o Departamento enfrentou na virada da década, seu prestígio acadêmico erodiu-se. Nesse meio tempo, surgiram vários outros excelentes periódicos na área de História, e a revista perdeu a oportunidade de fazer parte da base Scielo por ocasião de seu lançamento. No segundo semestre de 2005, sob a editoria-chefe de Maria Helena Machado, houve uma renovação total em seu quadro de editores, com a incorporação de vários novos docentes do Departamento de História ao conselho editorial (eu, Carlos Zeron, Gabriela Pellegrino Soares, João Paulo Garrido Pimenta, Maria Cristina Wissenbach, Mary Anne Junqueira; em 2007, a equipe foi acrescida por Eduardo Natalino dos Santos). Nesta editoria e nas duas próximas, sob a coordenação de Carlos Zeron (2007-2009) e Cristina Wissenbach (2009-2011; em 2010, saí do conselho), promovemos um amplo esforço para recuperar a excelência e o prestígio acadêmico da revista. O trabalho foi duro, envolveu a criação de uma nova cultura editorial que demandou engajamento contínuo de todo o conselho, mas foi extremamente prazeroso. Ao fim das contas, todas as equipes envolvidas com a Revista

desde 2005 foram recompensadas pelo trabalho realizado: ela acaba de ser reclassificada (em janeiro de 2012) como A1 pelo índice Qualis-Capes.

*

Em 2007, ano em que fui contemplado com uma bolsa de produtividade do CNPq, os dois projetos de pesquisa nos quais eu participava deram um salto qualitativo. Logo na segunda quinzena de janeiro, viajei à Espanha no âmbito do Programa CAPES/DGU, firmado entre o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP e o Centro de Estudos Brasileiros (CEB) da Universidade de Salamanca. Minhas atividades previam basicamente o oferecimento de um seminário de curta duração e a interlocução com os membros espanhóis do CEB. A decepção, contudo, foi rápida, e não há o que escrever sobre a então falta de seriedade acadêmica do centro espanhol, cujo corpo diretivo foi parcialmente modificado algum tempo depois. Tão logo percebi o problema, resolvi aproveitar ao máximo o tempo de que dispunha para avançar no projeto sobre política. Nessa altura, com a ressonância que nossos dois textos encontraram, estava claro para Márcia Berbel e eu que deveríamos seguir a sugestão que Wilma Peres Costa nos fizera em 2005, no seminário do Temático FAPESP, ou seja, a preparação de um livro sobre o assunto. Tâmis Parron entrara no mestrado naquele ano, investigando a política da escravidão no Império do Brasil entre 1826 e 1865, e o convidamos a tomar parte na empreitada. Em que pesem os problemas em Salamanca, a estância na Espanha acabou sendo ótima. Pesquisei os fundos relativos à escravidão cubana no Arquivo Histórico Nacional, em Madri, e em Arquivo Geral das Índias, em Sevilha. Também travei contato com vários cubanistas espanhóis: Consuelo Naranjo, Luis Miguel García Mora, Leida Fernández Prieto, Maria Dolores González-Ripoll, Izaskun Álvarez-Cuartero. Com base nessas conversas, nas quais descrevi o desenho do livro que preparava, as duas últimas me convidaram para participar, no ano seguinte, de um congresso sobre Francisco de Arango y Parreño que elas estavam organizando.

Outro passo importante no projeto sobre política da escravidão foi o curso de pós-graduação de que Christopher Schmidt-Nowara ofereceu, em agosto de 2007, no Programa de História Social da USP. Ao lhe convidar para oferecer uma disciplina sobre escravidão no “Segundo Império Espanhol” (conceito por ele cunhado para se referir ao imperialismo espanhol no século XIX), eu pensara tanto nos meus alunos de IC e de mestrado que estavam se interessando pelo tema da história comparada da escravidão oitocentista (Tâmis Parron, Alain El Youssef, Waldomiro Lourenço da Silva Jr, Ynaê Lopes dos Santos, Renata Romualdo Diório), como, acima de tudo, no livro

que preparava dentro do Temático FAPESP. O curso (“Entre Impérios e Nações: Espanha, Cuba e Porto Rico no século XIX”) foi, nesse sentido, muito bom, pois foi possível discutir detalhadamente com Chris Nowara o plano do livro. No sentido inverso, a experiência foi para ele igualmente recompensadora, como pode ser aquilatado em seu trabalho recém-lançado (*Slavery, Freedom, and Abolition in Latin America and the Atlantic World*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2011).

Se a pesquisa para o livro sobre escravidão e política avançava, as atividades do Temático refluíam. O seminário interno previsto para ocorrer naquele ano foi cancelado e, com exceção dos *fóruns* da revista eletrônica *Almanack Braziliense*, lançada no primeiro semestre de 2005, praticamente não havia atividades conjuntas entre seus pesquisadores. Em minha avaliação e na de outros colegas, isso se deveu em grande parte ao envolvimento quase que integral de István Jancsó com a política universitária, com evidente prejuízo ao trabalho de coordenação dos grupos de investigação do Temático. Esses acontecimentos reforçaram minha apreciação negativa a respeito das implicações do engajamento na política miúda da universidade para o trabalho científico. Seja como for, em maio de 2007 comentei, para o *fórum* do Almanack, o texto de Keila Grinberg, “*Senhores sem escravos*”. Em meu curto comentário, intitulado *O Poder da Escravidão*, tentei expor em poucas páginas questões de fundo que estávamos desenvolvendo em nossa pesquisa coletiva sobre política da escravidão.

Como já expus, em 2006 e inícios de 2007 o projeto Getty também passava por problemas, porém de ordem distinta dos que ocorriam com o Temático FAPESP. Eu prosseguia com a pesquisa sobre a cafeicultura escravista no Vale, em estreita articulação com alunos de IC que investigavam aspectos diversos da escravidão no município de Bananal (demografia, estrutura agrária, espacialidade escrava). No primeiro semestre de 2007, escrevi dois textos para o projeto Getty. O primeiro veio em resposta a um convite feito por Ricardo Salles e Keila Grinberg, que iniciavam a preparação de uma coleção sobre Brasil Império para a editora Civilização Brasileira. A demanda era por um ensaio de síntese sobre escravidão no Vale do Paraíba. Ocasão para colocar no papel as idéias que discutira com Dale Tomich em nossas conversas do ano anterior. O texto, inserido como **capítulo 7** da livre-docência, tratou do papel do Vale do Paraíba na formação do mercado mundial do café ao longo do século XIX, conjugando a análise do quadro global com a do quadro local. Neste último caso, levamos em conta não apenas a composição regional de terra, trabalho e capital, mas igualmente a dinâmica política, vale dizer, as relações entre fazendeiros, trabalhadores

escravizados e Estado nacional. O ensaio demonstrou que a formação da cafeicultura escravista brasileira dependeu de ações concertadas, no plano da esfera nacional, para criar as condições institucionais necessárias ao arranque da atividade e o conseqüente controle do mercado mundial do artigo – ações essas incidiram fundamentalmente no campo da política da escravidão. Para sua composição, os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos por Tâmis Parron e Alain El Youssef sobre o problema da escravidão no Parlamento e na imprensa foram de grande importância. O segundo texto, **capítulo 11** da livre-docência, trouxe uma verticalização do ensaio que escrevi com Dale; nele, analisei as articulações entre as estratégias de administração do trabalho e de administração da paisagem mobilizadas pelos senhores de escravos do Vale do Paraíba, fundamento do domínio que exerceram sobre o mercado mundial do café a partir da década de 1830. Apresentei esse artigo em três fóruns acadêmicos: como *paper*, em um seminário na Universidade de Leeds (versão em inglês publicada na *Review do Fernand Braudel Center*); como conferência, na UERJ de São Gonçalo (versão em português publicada no *Almanack Braziliense*); novamente como *paper*, em seminário na Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC).

O último evento trouxe a solução para o maior obstáculo que vínhamos enfrentando no projeto Getty. Após novembro de 2005, a interlocução com Reinaldo Funes ficou praticamente interrompida, limitada a trocas de mensagens eletrônicas nas quais estava interdito o envio de arquivos muito pesados; com quase dois anos de projeto aprovado, ainda não havíamos travado contato direto com Carlos Venegas. Sem anuência do Departamento de Estado norte-americano, era impossível enviar dinheiro do projeto aos nossos colegas cubanos. Diante desse impasse, Reinaldo sugeriu que eu me inscrevesse no pequeno simpósio de dois dias que seria promovido pela UNEAC em Havana, intitulado *Cuba: História y Naturaleza*. Assim, eu ao menos poderia reunir-me com ele e com Carlos. Segundo informação colhida por Dale, como cidadão norte-americano ele não poderia levar dinheiro dos Estados Unidos para lá, mas nada impediria que eu o fizesse. Com os recursos mais do que suficientes, Reinaldo, Carlos e eu fizemos um amplo trabalho de campo nas antigas regiões açucareiras de Matanzas, Colón e Sagua la Grande, bem como na zona cafeeira de Candelária e da Serra do Rosário. A solução fora encontrada: passaríamos a nos reunir, os quatro, no Brasil. Por meio de uma engenharia financeira que não cabe descrever neste memorial, os recursos da Getty começaram a fluir para a face cubana do projeto. Entre setembro de 2007 e maio de 2009, realizamos seis encontros no Brasil, em São Paulo (duas vezes), Ubatuba,

Bananal, Vassouras e Barra do Piraí, com variação de uma semana a dez dias de duração cada e sempre com os quatro membros do projeto presentes. Ou seja, nesse intervalo de vinte meses, ficamos praticamente dois meses inteiros juntos.

Aquele foi um ano igualmente importante para minha atuação no Departamento de História. Em novembro, apresentei à chefia solicitação de transferência para a disciplina de História da América Colonial, em vista da transferência de Maria Helena Machado – que até então ali estivera alocada – para a disciplina de História do Brasil Independente, uma “dança das cadeiras” propiciada pela aposentadoria de Maria Tucci Carneiro. Para além da avaliação pessoal sobre a docência em Brasil Colonial, o impulso para o pedido de transferência derivava diretamente dos dois projetos coletivos de pesquisa nos quais estava envolvido, cuja ênfase recaía sobre a comparação entre diferentes sistemas escravistas americanos. Eu já orientava pesquisas de mestrado e doutorado em história comparada da escravidão negra (como exemplo, as pesquisas de IC, mestrado e doutorado de Waldomiro Lourenço da Silva Júnior), e há muito minha formação acadêmica habilitara-me a esse tipo de trabalho docente: em meu doutorado, afinal, explorara as interfaces entre Brasil e Américas.

*

Ofereci meu primeiro curso de América Colonial – tal como Brasil Colonial, disciplina obrigatória para os calouros e, portanto, necessariamente panorâmica – em 2008, logrando pela primeira vez cruzar de modo direto meus temas de investigação com a prática docente na graduação. Comecei a testar em meus cursos o modelo dos dois sistemas atlânticos da modernidade, encorpando a carga de leituras e a elaboração teórica que iriam resultar no primeiro capítulo do livro *Escravidão e Política*. Ao contrário do que ocorre com o campo historiográfico sobre Brasil Colonial, a produção básica sobre o colonialismo espanhol e inglês é vastíssima e, portanto, impossível de ser controlada por inteiro. Afora isso, reserva-se à disciplina de América Colonial no Departamento de História da USP apenas um semestre. A estratégia que tenho adotado há cinco anos consiste em combinar uma perspectiva panorâmica, que procura tratar comparativamente o colonialismo espanhol, inglês e francês (com ênfase nas formas de trabalho, nas estruturas econômicas e sociais e nas culturas políticas particulares de cada império), com o desenvolvimento de ferramentas de pesquisa bibliográfica e de crítica historiográfica. É cada vez maior o número de alunos que ingressam na universidade – mesmo os oriundos de escola pública – que detém rudimentos de leitura instrumental em inglês. O espanhol sempre foi língua franca nos cursos de humanidades. As

facilidades propiciadas pelos bancos de revistas eletrônicas (Jstor, Muse etc), bem como o número crescente de repertórios documentais disponibilizados na rede (Portal de Archivos Españoles, Eighteen Century Collections Online, Making of Modern World, Gallica etc) têm aberto possibilidades incríveis para o trabalho didático na graduação.

No que se refere às atividades administrativas, em 2008, fui eleito membro titular do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História Social e membro de sua comissão de bolsas (postos que ocupei até 2010). No segundo semestre, ao trabalho como membro da editoria da *Revista de História* (de onde sairia em 2009), somei a participação no corpo editorial da *Almanack Braziliense*. O periódico, sediado no IEB-USP, vivia os primeiros momentos da crise que, em 2010, levaria à ruptura com aquela instituição e ao encerramento de sua série inicial. A ampliação do conselho editorial em 2008, no qual entrei juntamente com outros pesquisadores do Temático FAPESP (Andréa Slemian, André Machado, Lucília Santos Siqueira, Márcia Berbel, Maria Luiza Ferreira de Oliveira, Wilma Peres Costa), representava um esforço na busca de caminhos alternativos que a tornassem melhor e, ao mesmo tempo, viabilizassem sua sobrevivência. A iniciativa foi derrotada por disputas políticas e pessoais dentro da USP. Como caminho para a manutenção do projeto intelectual da revista, foi preciso refundá-la. Com o nome abreviado para *Almanack*, novo ISSN e nova plataforma eletrônica (alojada na UNIFESP), ela é desde o primeiro semestre de 2011 uma revista verdadeiramente inter-institucional, sendo gerida com o suporte de uma vasta rede de pesquisadores pertencentes a diversas universidades brasileiras (UNIFESP, USP, UFF, UNIRIO, UERJ, UFJF, UFOP, UFES, UFRJ, UFSJ, UFRRJ). Continuo em seu conselho editorial, com a certeza de que sua vida será longa.

Em 2008, contudo, esses acontecimentos ainda não estavam no horizonte. Tal como o Temático FAPESP, o projeto sobre política da escravidão encaminhava-se para o fim. Em abril e junho, realizei duas viagens seqüenciadas para a Espanha, onde pude aprofundar a interlocução com colegas cubanistas de vários países. Em junho, participei no Congresso “*Francisco de Arango y Parreño y la Invención de la Cuba Azucarera*”, que contou com um time excelente de especialistas em escravidão cubana. O texto que apresentei, **capítulo 4** da livre-docência, pretendeu iluminar as articulações históricas estreitas existentes entre a construção política da escravidão cubana e a da escravidão brasileira por meio do exame da prática da comparação entre impérios empregada por Arango. O artigo saiu na Espanha, em livro, em 2009; no Brasil, publiquei uma versão reduzida na *Revista USP* (Dossiê 1808) e, com partes reescritas, em um ensaio inserido

no volume 3 da coleção *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas*, editada por Marco Antonio Pamplona e Maria Elisa Mäder (editora Paz & Terra).

A recepção que o texto obteve no seminário sobre Arango serviu de estímulo para o esforço final da pesquisa. Em junho, eu havia estendido minha estadia em Madri por uma semana para trabalhar no Arquivo Histórico Nacional. De volta ao Brasil, planejamos não só uma nova estância em Madri (que Márcia cumpriu em novembro, pesquisando no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores e na Biblioteca da Casa Real), como também uma viagem conjunta ao Rio de Janeiro, para explorarmos o arquivo do Itamaraty (em julho, o trabalho simultâneo de nós três, com autorização para fotografarmos a documentação, permitir-nos cobrir, em apenas uma semana, os ofícios remetidos de Madri e de Londres para o Rio de Janeiro durante todo o período de 1808 a 1850). No segundo semestre de 2008, momento em que gozei minha primeira licença prêmio, dediquei grande parte de meu tempo para a finalização do projeto, com reuniões constantes com Márcia e Tâmis para discutirmos o quadro analítico do livro e o andamento da redação conjunta.

Quanto à Getty, em 2008 aproveitei convites de dois eventos para aprofundar aspectos pontuais do ensaio que eu havia escrito com Dale no ano anterior. O primeiro texto, oferecido em abril ao V Coloquio Internacional de Historia Social *Trabajo libre y trabajo coactivo en sociedades de plantación*, Universidade Jaume I (Castellón de la Plana, Espanha), comparou a espacialidade da cafeicultura escravista nas Américas entre 1760 e 1860, examinando três aspectos em particular: 1) a planta arquitetônica e produtiva das fazendas de Saint-Domingue, Jamaica, Cuba e Brasil; 2) a inscrição delas em suas respectivas zonas, isto é, suas articulações com as estruturas sociais e agrárias mais amplas das regiões a que pertenceram; 3) suas relações com a produção do poder social e político de seus proprietários. Desenvolvi a idéia de que a montagem da cafeicultura escravista no Brasil envolveu a criação de uma espacialidade inédita. O artigo foi reapresentado, ainda em 2008, como conferência na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, e como comunicação na Anpuh Estadual de São Paulo, na USP, tendo sido publicado, em 2009, no livro *Trabajo libre y coactivo en sociedades de plantación* (Siglo XXI). O seminário em Castellón permitiu que Dale Tomich e eu nos aproximássemos do grupo de pesquisadores articulado em torno de José Antonio Piqueras, o orientador da tese de doutorado de Reinaldo Funes, organizador do evento e do livro que dele resultou. Nesse volume, Dale publicou com Reinaldo um artigo a quatro mãos sobre açúcar em Cuba.

O segundo texto de 2008 elaborado dentro do projeto Getty foi escrito para o Seminário Internacional *As ciências no Brasil no período joanino*, realizado na Fiocruz, Rio de Janeiro, em agosto. Tive a oportunidade de reapresentá-lo a outra audiência no II Seminário de *História do Café: História e Historiografia*, mais uma vez promovido pelo Museu Paulista da USP em Itu, em novembro. Nele, comparei os procedimentos de tradução do manual cafeeiro de P.-J. Laborie – originalmente elaborado para Saint-Domingue – para o espanhol e o português, demonstrando que, na colônia espanhola de Cuba, adotou-se a planta produtiva cafeeira de Saint-Domingue, enquanto, no Brasil, criou-se uma nova planta, lastreada em novos padrões de gestão agrícola fundados em saberes elaborados localmente. O artigo (“A ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeeicultura brasileira em perspectiva comparada”) foi publicado em 2009 no periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Nesses dois textos, o de Castellón e o da Fiocruz, além de explorar outra dimensão – mais atinada aos propósitos do projeto Getty – da comparação substantiva entre no Brasil e Cuba que eu estava desenvolvendo dentro do Temático FAPESP, comecei a desenhar o projeto sobre cafeeicultura escravista nas Américas com o qual seria contemplado, em 2010, com nova bolsa PQ-2 do CNPq.

Afora as reuniões no Brasil com os quatro membros do projeto Getty, em fevereiro de 2008 realizei uma viagem de duas semanas com Dale Tomich a Natchez, Mississippi, algo infelizmente interditado a Reinaldo Funes e Carlos Venegas. Além de realizarmos trabalho de campo equivalente ao que já havia sido feito no Vale do Paraíba e no Ocidente de Cuba, visitando os sítios das *plantations* algodoeiras no condado de Adams (estado do Mississippi) e nas paróquias de Concordia, Tensas e Madison (estado da Louisiana), bem como o notável conjunto das *villas* suburbanas de Natchez, trabalhamos intensamente nos arquivos dessa cidade. Foi possível recolher, por meio de fotografias, grande parte da documentação manuscrita necessária ao projeto. A experiência do trabalho de campo nas três zonas escravistas mais dinâmicas da economia-mundo capitalista do século XIX e a percepção das marcas do passado escravista na paisagem, nos ambientes construídos, nas relações sociais e políticas atuais em cada uma delas, suscitaram toda uma série de questões sobre as intersecções entre passado/presente e a produção da memória. Espero, no futuro, ter a possibilidade de explorar esses assuntos detidamente.

Em março de 2009, Márcia, Tâmis e eu finalizamos a redação do livro *Escravidão e Política. Brasil e Cuba, c.1790-1850*, publicado pela editora Hucitec no ano seguinte. Em junho, submetemos o resultado a um seminário fechado do Temático FAPESP. Wilma Peres Costa e João Paulo Garrido Pimenta se encarregaram dos comentários principais, e vários outros colegas (Iris Kantor, Andréa Slemian, André Machado, Maria Luiza Oliveira, Cecília Helena Salles de Oliveira) intervieram no debate. Ainda que em seus dois últimos anos (2007-2008) as atividades coletivas do Temático tivessem esmorecido, era evidente que fora do ambiente acadêmico que ele propiciou o livro jamais chegaria ao formato que assumiu. Esta foi, talvez, uma das maiores qualidades de István Jancsó: sua capacidade de criar sinergia, em torno de problemas comuns de pesquisa, entre pesquisadores com formações distintas e em níveis desiguais da carreira universitária. Se não estou enganado, o debate de junho de 2009 foi uma das últimas atividades de cunho estritamente acadêmico de que ele participou.

O último encontro do grupo Getty no Brasil também se deu nessa época. A convite de Olivia Gomes da Cunha, Dale ministrou, no primeiro semestre de 2009, um curso de pós-graduação no Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. Dentre suas atividades, esteve a preparação do seminário *Repensando a Plantation: paisagens simbólicas, sociais e materiais*, no qual Dale, Reinaldo, Carlos e eu apresentamos resultados da nossa investigação coletiva. Meu *paper* examinou a fazenda Resgate, em Bananal, onde tudo havia começado sete anos antes. Vali-me desse caso para expor a perspectiva teórica e metodológica de tratamento dos materiais visuais que havíamos desenvolvido ao longo do projeto. O artigo correspondente, uma ampliação do *paper*, publicado em 2010 nos *Anais do Museu Paulista*, segue como **capítulo 12** da livre-docência. Imediatamente após o seminário, que ocorreu em maio, promovemos uma reunião fechada do grupo Getty na fazenda Independência, em Bananal, com a participação adicional de Ronald Miller (arquiteto coordenador da Historic Natchez Society), Juan Giusti (da Universidade de Porto Rico-Rio Piedras), José Antonio Piqueras, Ricardo Salles e, em especial, Sidney Mintz. Foi realmente tocante percorrer novamente as fazendas daquela cidade (algumas das quais, como a Boa Vista, eu visitara quando ainda estava na graduação) com ele, expondo as linhas gerais de nosso modelo de interpretação sobre a organização espacial das *plantations*. E, ali em Bananal, começamos a desenhar a idéia da criação de uma nova rede de pesquisadores.

Desde março de 2008, eu e Dale viemos preparando com Ricardo Salles, Keila Grinberg e Cláudia Regina Andrade dos Santos, todos vinculados à Unirio, um seminário internacional que teria por foco o século XIX e as novas fronteiras da escravidão e da liberdade. Fizemos uma chamada aberta, com prazo bastante dilatado, prevendo uma dupla sede para o evento, no Rio de Janeiro (Unirio) e em Vassouras (Universidade Severino Sombra). A resposta foi excelente, com inscrições de pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais. Os historiadores estrangeiros que participaram do evento, em agosto de 2009, foram Robin Blackburn (Essex), Inés Roldán de Montaud (CSIC-Madri), Catherine Coquery-Vidrovitch (Diderot-Paris-7), Daryle Williams (Maryland), Gad Heuman (Warwick), Enrico Dal Lago (Galway-Irlanda), Luis Miguel Garcia Mora (MAPFRE-Madri), Jason Moore (Lund), John Savage (Lehigh), Wazir Mohamed (Indiana), Yann Moulier-Boutang (Université de Technologie de Compiègne), Edward Baptist (Cornell), Sue Peabody (Washington State) e Ana Cristina Nogueira da Silva (Nova de Lisboa). Os resultados do seminário foram muito positivos, com dois desdobramentos de relevo: primeiro, a preparação de uma coletânea em inglês, que será publicada em breve pela SUNY Press, na série do *Fernand Braudel Center*; segundo, o adensamento da rede de pesquisadores mencionada acima, destacando-se as novas interlocuções com Blackburn, Dal Lago, Garcia Mora, Roldán, Baptist e Savage. Coquery-Vidrovitch, Mohamed e Moulier-Boutang já mantinham uma relação intelectual bastante próxima com Dale.

Após o seminário de agosto, concentrei-me no oferecimento de uma disciplina de pós-graduação, *As novas paisagens da escravidão: a produção do espaço de plantation no Brasil e em Cuba, século XIX*, na qual explorei a paisagem e os ambientes construídos dos engenhos açucareiros e das fazendas de café naqueles dois espaços. Encerrei o curso em fins de outubro, pois iria viajar, em novembro, para um estágio pós-doutoral de três meses no *Fernand Braudel Center for the Study of Economies, Historical Systems, and Civilizations*, sediado na Universidade de Binghamton, com financiamento da FAPESP.

*

O objetivo principal dessa viagem foi preparar o livro com a síntese dos resultados do projeto Getty, que se encerrara em junho. Ao longo de quatro anos (agosto de 2005-julho de 2009), publicamos mais de vinte artigos e capítulos de livro. Sentimos, no entanto, a necessidade de compor um volume único capaz de apresentar a perspectiva que logramos construir em nosso trabalho coletivo. Dada a complexidade da

matéria, a escala da pesquisa realizada e as dificuldades inerentes à prática de escrita coletiva, agravada pelo fato de sermos quatro autores vivendo em três países diferentes (dois dos quais ainda presos à Guerra Fria), a única saída seria criar um esquema para a redação do livro que permitisse traduzir a natureza coletiva de nosso trabalho e que fosse ao mesmo tempo viável diante dessas dificuldades. Um desenho disso já fora elaborado durante nossas seis reuniões no Brasil. Conseguimos compor um rascunho de um livro a ser dividido em quatro capítulos, que tratariam sucessivamente da formação das novas zonas escravistas, das paisagens de suas *plantations*, de seus ambientes construídos e de suas casas de vivenda senhoriais. Mas, para sairmos do esquema em direção à composição final, os obstáculos pareciam intransponíveis.

Dáí a necessidade de uma estadia mais prolongada em Binghamton. Durante os três meses em que lá fiquei, reuni-me diariamente com Dale. Depois de um primeiro mês sem muito progresso, chegamos a uma solução, simples e eficaz, sobre a qual trabalhamos o restante do tempo em que permaneci nos Estados Unidos. A divisão geral foi mantida, ou seja, quatro capítulos. Em uma estratégia que buscaria aproximações espaciais sucessivas ao objeto, como se operássemos as lentes de uma câmera fotográfica, no capítulo um partiríamos do exame da formação histórica das novas regiões escravistas para, no capítulo dois, analisarmos a configuração da paisagem interna das *plantations* açucareiras, algodozeiras e cafeeiras; prosseguindo, no capítulo três ajustariamos o foco das lentes para compreendermos a organização dos edifícios voltados ao processo produtivo e à moradia dos trabalhadores escravizados; por fim, no capítulo quatro as lentes se fechariam em torno das fachadas e dos espaços interiores das casas de vivenda senhoriais. Em cada capítulo, seguiríamos uma mesma ordem de tratamento das três regiões, abordando primeiramente Cuba, depois Estados Unidos, encerrando com o Brasil. O salto, porém, não estava na divisão dos capítulos, mas sim no modelo de organização formal, inspirado livremente na famosa obra de John Berger, *Ways of Seeing* (London: Penguin, 1972), na qual o discurso verbal constitui como que um grande comentário sobre uma seqüência visual cuidadosamente estudada. A documentação visual (mapas, litografias, óleos e fotografias do século XIX, mais as plantas e fotografias dos exemplares arquitetônicos remanescentes) é que conduziria nossa narrativa e, portanto, nossa análise. Estabelecida a seqüência exata das imagens, todo o trabalho de redação à distância ficaria facilitado. Essa tarefa não foi de fácil execução: para veicular um discurso visual e verbal coeso, tivemos que proceder a uma

seleção de apenas cerca de 260 imagens a partir de um banco de dados com quase cinco mil imagens.

Ainda que esse esquema oferecesse uma base bastante segura para a redação definitiva do livro com Carlos Venegas e Reinaldo Funes, teríamos que explicar pessoalmente para os dois os critérios que adotamos. Com o fim do projeto Getty, os recursos fáceis e à mão para as viagens ao Brasil acabaram. Somente um ano e meio após o término de minha estadia em Binghamton voltaríamos a nos encontrar, desta feita em Cuba. Em três dias de reuniões no mês de outubro de 2011, discutimos com vagar o *draft* de Binghamton com Reinaldo e Carlos. Nosso plano é terminar a redação do livro no segundo semestre de 2012.

Outros avanços importantes ocorreram durante minha estada em Binghamton, de novembro de 2009 a janeiro de 2010. Participei, a convite de Edward E. Baptist, em um seminário com alunos de pós-graduação na Universidade de Cornell, no qual debati o texto sobre o regime visual da segunda escravidão que havia preparado para os seminários de 2009 no Brasil. A proximidade entre Ithaca e Binghamton (apenas 60 km de distância) permitiu que eu me encontrasse com frequência com Ed. Também me reuni mais de uma vez com Christopher Schmidt-Nowara, então ainda na Fordham. Com Dale Tomich, projetamos não apenas um website (Ed Baptist acabara de obter recursos para tanto em Cornell; depois de certo atraso, o sítio será lançado em breve) como, em especial, estabelecemos o molde final de nossa rede, sob o nome “*Second Slavery*” *Research Network*, tendo por pólo articulador o *Fernand Braudel Center* e englobando um grupo inicial de pesquisadores composto por Robin Blackburn, Christopher Brown (Columbia), Matt D. Childs (South Carolina), Catherine Coquery-Vidrovitch, Enrico Dal Lago, Christopher DeCorse, Ada Ferrer (NYU), Carolyn Fick (Concordia), Josep Fradera (Pompeu Fabra), Reinaldo Funes, Luis Miguel Garcia Mora, Juan Giusti, Walter Johnson (Harvard), Anthony Kaye (Penn State), Mariana Mauze (UNIRIO), Wazir Mohamed, Jason Moore, Inés Roldan Montaud, Yann Moulier Boutang, José Antonio Piqueras, Daniel Rood (Penn State), Edward Rugemer (Yale), Ricardo Salles, John Savage, Carlos Venegas e Michael Zeuske (Köln).

*

O primeiro evento organizado pela rede foi a conferência internacional *The Politics of the Second Slavery: Conflict and Crisis on the Nineteenth-Century Atlantic Slave Frontier*, que ocorreu no Fernand Braudel Center em outubro de 2010. Para a ocasião, escrevi um texto em parceria com Tâmis Parron, partindo do ponto de chegada

do livro *Escravidão e Política*, isto é, a necessidade de incorporar os Estados Unidos à análise. O texto, **capítulo 6** da livre-docência, analisou a unificação das experiências políticas dos três grandes espaços escravistas do século XIX (Estados Unidos, Cuba e Brasil), após o surgimento da aliança do movimento abolicionista anglo-americano na década de 1830. Descrevendo o quadro político das três regiões, procuramos demonstrar como esses países passaram a reagir ao abolicionismo internacionalista de modo integrado e cooperativo, no que denominamos como “internacional escravista”, e por que essa interação não evoluiu para uma plataforma oficial dos governos envolvidos. Seu desaparecimento ocorreu quando a Guerra Civil norte-americana (1861-65) abalou a escravidão no Brasil e no Império Espanhol. O trabalho, base para a elaboração do projeto de doutorado de Tâmis, foi bem recebido no seminário, abrindo uma interlocução direta com Edward Rugemer. Aliás, a perspectiva que ele desenvolveu em seu livro *The Problem of Emancipation. The Caribbean Roots of the American Civil War* (2008) servirá de parâmetro para o projeto de doutorado em elaboração de Alain El Youssef, que pretende estudar o impacto da Guerra Civil e da Reconstrução norte-americana, bem como a da crise da escravidão cubana, sobre a crise da escravidão brasileira. No Brasil, tivemos a oportunidade de submeter o texto ao grupo *Hermes & Clio*, da FEA-USP, cujos comentários críticos muito nos ajudaram no esforço de melhor fundamentar nosso argumento.

Um das implicações positivas da composição da rede da “Segunda Escravidão” está na natureza do envolvimento que ela pressupõe para os alunos de pós-graduação, baseada em um princípio horizontal – e não vertical – de engajamento em discussões coletivas. Referi-me aos projetos em andamento de Tâmis Parron e Alain El Youssef. Waldomiro Lourenço da Silva Jr, atualmente no doutorado, pesquisa a legislação escravista no Império espanhol e no Império do Brasil ao longo do século XIX; em sua viagem a Cuba no segundo semestre de 2011, ele estabeleceu por conta própria conexões com novos membros da rede em Cuba. Fernanda Bretones Lane pesquisa, em seu mestrado, o papel da imprensa periódica em Cuba entre 1810-1814 e 1820-1823 para a construção política da escravidão e da fidelidade à metrópole; ela vem repetindo a experiência de Waldomiro, desta feita com pesquisadores residentes na Espanha. Por fim, Marco Aurélio dos Santos, cujo tema de doutorado é a geografia da escravidão em Bananal, e Breno Moreno, que trabalha em seu mestrado (co-orientado por Carlos Bacellar) com a demografia da escravidão naquele município, foram centrais para a montagem do grupo local da rede internacional mais ampla.

Com efeito, em agosto de 2010 Ricardo Salles e eu convidamos colegas e amigos para nos reunirmos no Centro de Documentação História da Universidade Severino Sombra, em Vassouras (RJ), com o objetivo de discutirmos a viabilidade da criação dessa rede local de pesquisadores. Desse primeiro encontro – que, além de Marco e Breno, contou com a presença de Camila Santos, Thiago de Sousa dos Reis, Magno Fonseca Borges, Adriano Novaes, Mariana Muaze, Pedro Marinho e Carlos Gabriel Guimarães – nasceu o grupo intitulado *O Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão*. Seu objetivo geral é o de reunir em seminários, simpósios, grupos de discussão e outras formas de intercâmbio intelectual, pesquisadores e estudantes de diferentes instituições do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, que tenham por fio condutor de suas pesquisas a região da Bacia do Paraíba do Sul no século XIX. O alvo que perseguimos no momento é a construção de um sistema de informações históricas que unifique, por meio de um banco de dados multidimensional em modelo estrela, os diversos bancos elaborados pelos pesquisadores da rede em suas investigações individuais. Para tanto, promovemos duas outras reuniões: uma, em maio de 2011, na fazenda Boa Vista, em Bananal, que, além dos membros originais do primeiro encontro, contou com a participação adicional de Keila Grinberg, Eduardo Schnoor e Hebe Mattos; a segunda, em novembro de 2011, na FATEC de Cruzeiro, com Ricardo Salles, eu, Breno Moreno e os professores dessa instituição (Walmir Duque, Leopoldo Messenger, Luis Fernando de Almeida) que se dispuseram a elaborar conosco o sistema de informações históricas. Toda a articulação inicial com os professores da FATEC foi realizada por Breno, que atualmente testa a viabilidade do modelo multidimensional em sua dissertação de mestrado.

Na face internacional da rede, em abril de 2010 Dale Tomich e eu aproveitamos nossa participação em uma banca de doutorado na Universidade Jaume I para estreitarmos a articulação com o grupo de José Antonio Piqueras. Na ocasião, dei início à preparação, com Piqueras, de um dossiê para a *Revista de Índias* sobre escravidão cubana e brasileira no século XIX. Publicado no início de 2011 (volume LXXI, número 251) e intitulado *Los últimos impérios esclavistas: España y Brasil en el siglo XIX*, o dossiê contou com 9 artigos, dentre os quais o que escrevi em parceria com Tâmis Parron, **capítulo 5** da livre-docência. Nesse artigo, que foi originalmente apresentado a à conferência *The Empires of the Atlantic World in Revolution. A transnational perspective, 1763-1865* (organizada pelo grupo Mascipo-UMR 8168, na EHESS, em Paris), resolvemos explorar o reverso da política da escravidão analisada em nosso livro,

isto é, o impacto da ação escrava sobre a macro-política imperial no Brasil e em Cuba na virada do século XVIII para o XIX.

Enquanto esperávamos uma possibilidade de conversar com os colegas cubanos, expus os resultados do projeto Getty em circunstâncias distintas. Por convite de Valdeci Lopes de Araújo e Francisco Eduardo de Andrade, ministrei, em novembro de 2010, um curso de curta duração (20 horas ao todo) no programa de pós-graduação em História da UFOP (Mariana/MG). Durante uma semana, em aulas diárias com 4 horas de duração cada, testei o *outline* visual do livro. Voltei a repetir essa experiência em uma disciplina optativa que ofereci para alunos de graduação em meu Departamento, no segundo semestre de 2011. Por fim, no 2º *Seminário de Patrimônio Agroindustrial – Lugares de Memória*, organizado em outubro de 2010 pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (USP), tratei das implicações de nosso projeto para a abordagem do problema da memória social.

*

Em 2011, ano em que decidi submeter-me ao concurso de professor livre-docente, escrevi três textos, todos inseridos na presente tese. O primeiro (**capítulo 8**) foi composto a partir de um convite que recebi para participar em uma conferência em homenagem ao centenário do nascimento de Eric Williams, no College de Oxford onde, em 1938, ele obtivera seu doutorado. Vali-me da ocasião para tratar das relações entre cafeicultura escravista e mercado mundial no longo século XIX. A redação desse trabalho permitiu-me organizar um eixo geral de análise que pretendo seguir no projeto sobre a cafeicultura escravista nas Américas, que conta com bolsa PQ-2 do CNPq. O segundo texto (**capítulo 15**) é um subproduto do primeiro: trata-se de um prefácio a uma nova tradução do livro clássico de Eric Williams, a ser publicada pela editora Companhia das Letras. O terceiro texto (**capítulo 14**) foi escrito a pedido dos editores da coleção *20/10: El Mundo Atlántico y la Modernidad Iberoamericana, 1750-1850*, do México. Essa coleção, parte das celebrações do bicentenário das independências ibero-americanas, será composta por cinco volumes, a serem lançados bimestralmente durante 2012. Em cada um, haverá uma sessão intitulada *Por que ler?*, na qual historiadores comentam obras clássicas sobre o período das independências. Encarregaram-me de escrever uma avaliação do livro *Reforma y Disolución de los Impérios Ibéricos*, de Tulio Halperín-Donghi.

Somados a uma quarta peça que não cheguei a finalizar, mas cujas linhas gerais foram apresentadas em uma mesa redonda que dividi com Hebe Mattos e Sidney

Chalhoub na Anpuh Nacional de junho (*50 anos de historiografia da escravidão [1961-2011]: balanços e perspectivas*; comunicação reapresentada, em novembro, no seminário *Ordem e ruptura em debate: escravidão e alforria*, promovido pelo Laboratório Companhia das Índias, da UFF), esses textos giram em torno de uma preocupação comum, que eu já havia avançado no artigo sobre Emília Viotti da Costa: a atualidade da categoria capitalismo para a compreensão da escravidão negra nas Américas. A perspectiva neles exposta, embasada nas pesquisas coletivas que desenvolvi entre 2004-2009 e atualizadas pelas conversas contínuas – na verdade, quase que diárias – via skype com Dale Tomich e Ricardo Salles, convergiu para o que José Antonio Piqueras e Edward Baptist vinham pensando a respeito. Durante nossa viagem a Cuba em outubro de 2011, Dale e eu discutimos o assunto com Piqueras. Nasceu, assim, a idéia de um novo livro conjunto, que contará com a participação de Ricardo Salles e Edward Baptist.

Partimos de uma concordância básica a respeito do que ocorreu com a historiografia concernente à escravidão negra no Sul dos Estados Unidos, no Brasil e em Cuba nas últimas décadas: se os avanços foram inegáveis (sobretudo no campo da história social), eles estiveram fundados em uma crescente autonomização da política, da economia, da sociedade e do mundo cultural, autonomização esta que produziu o abandono dos discursos totalizadores e integradores que haviam marcado um período anterior. Evidentemente, isto foi um fenômeno geral das ciências humanas, mas com efeitos particularmente danosos para o tema com o qual trabalhamos, haja vista o fato de a escravidão americana do século XIX ser um objeto que exige, por sua própria natureza, uma abordagem totalizadora, que tenha no problema da formação e transformação do capitalismo a questão última a ser explorada. Durante as conversas em Havana, houve algumas divergências sobre a exata conceituação das relações entre capitalismo e escravidão. A partir delas, conseguimos delinear uma proposta comum.

Cada ensaio do livro deverá reconstituir as trajetórias particulares da historiografia sobre a escravidão do século XIX no Brasil, em Cuba/Espanha e nos Estados Unidos, avaliando os ganhos e as perdas apresentados pela produção posterior aos anos 1970, que trouxe a fragmentação das abordagens como uma de suas marcas distintivas. O livro deverá operar em dois planos: historiografia e história. Na parte referente à historiografia, devemos apresentar balanços de como a economia escravista, a sociedade, o Estado, a resistência escrava e abolição – dentre outros assuntos – foram examinados, e quais os limites das abordagens disponíveis. Na parte referente à história,

isto é, à agenda que iremos propor, estaremos livres para desenvolvê-la conforme os quadros analíticos particulares de cada um de nós. Espaço, tempo, escravidão e capitalismo – a historicidade das formas escravistas – serão as categorias básicas a serem problematizadas. O argumento central do livro é o de que não é possível pensar o problema da escravidão do século XIX sem pensar o problema do capitalismo; no entanto, como essas relações serão conceituadas caberá a cada texto desenvolver, em um sentido que não deverá ser convergente. Noutras palavras, se temos uma visão comum de que, para evitar o beco sem saída da fragmentação, devemos recompor uma visão totalizadora, ela não precisa ser necessariamente unívoca. Poderemos, assim, iniciar o nosso próprio campo de debates, convidando outros historiadores a entrar na discussão. O título do livro será *Escravidão e capitalismo histórico: historiografia e história no Brasil, nos Estados Unidos e em Cuba, século XIX*. Cada ensaio terá entre 45 a 50 páginas. Edward Baptist escreverá sobre os Estados Unidos; José Antonio Piqueras, sobre Cuba; Ricardo Salles e eu, sobre o Brasil; Dale Tomich, sobre as relações entre a economia escravista atlântica e o quadro mais amplo da economia-mundo do século XIX, centrando fogo no debate sobre o problema da “Grande Divergência”. Os textos serão finalizados até dezembro de 2012; nos primeiros meses de 2013, iremos preparar um encontro no Brasil para discutirmos as primeiras versões, finalizando as versões definitivas em junho de 2013. O livro deverá sair em 2014.

*

É lugar-comum em tese ou livro acadêmico afirmar-se, nos agradecimentos, que o que se lê resultou de esforço coletivo, e não individual. Após trinta páginas revisando minha trajetória desde que entrei como docente na USP, mergulho sem medo no chavão. Desde 2004, todas minhas pesquisas foram desenvolvidas em ambientes de trabalho verdadeiramente coletivos. Não pude discorrer sobre a idéia de um novo projeto com Fábio Joly, sobre comparação entre escravidão antiga e moderna, pois ele ainda demorará um pouco para maturar. Tampouco pude escrever de modo adequado sobre o projeto da cafeicultura escravista nas Américas que, se é individual e conta com bolsa de produtividade do CNPq, está estritamente vinculado à rede da Segunda Escravidão, tanto em sua face local como em sua face internacional. Para encerrar, creio que é pertinente uma rápida observação sobre uma implicação mais ampla dessa escolha pelo trabalho coletivo.

Colaboração em ciências humanas não constitui novidade. Nas décadas de 1950 e 1960, afirmava-se o caminho para a renovação da história passaria necessariamente

pela montagem de grupos de pesquisa transnacionais. Tal era, por exemplo, o programa da segunda geração dos *Annales*. Esse modelo, contudo, nunca realizou inteiramente o potencial que projetava: custos elevados, a necessidade de congregar pesquisadores em um único local por períodos extensos de tempo e, acima de tudo, uma estrutura de investigação profundamente hierarquizada impôs programas rígidos, congelados, que giravam em torno de questões únicas ditadas pelos coordenadores das equipes de pesquisa. O tipo de colaboração que desenvolvi coletivamente entre 2004 e 2009 nos projetos sobre política e arquitetura/paisagem, e que ajudou a lançar os fundamentos da rede da Segunda Escravidão, partiu de pressupostos e práticas bem distintas. Mesmo que ancorada em departamentos universitários e programas de pós-graduação concretos, aos quais os pesquisadores individuais estão vinculados e dos quais dependem para sua sobrevivência material, a colaboração por nós desenhada ultrapassou os limites desses ambientes institucionais particulares e quebrou com as hierarquias que ainda marcam muitos dos esforços de investigação coletiva.

Espero que os textos que compõem a tese de livre-docência submetida à banca examinadora permitam debater os ganhos que a prática de investigação na qual me baseei – com implicações diretas para a prática docente – pode trazer para a produção do conhecimento histórico.

Curriculum Vitae documentado (2003-2011)*

1. Publicações

1.1. Livros (CAIXA 1)

(com Márcia Berbel e Tâmis Parron) *Escravidão e política. Brasil e Cuba, c.1790-1850*. São Paulo: Hucitec, 2010, 382pp.

Administração e Escravidão: idéias sobre a gestão da agricultura escravista brasileira. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010, 259pp.

Feitores do corpo, missionários da mente. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 479pp.

(com Fábio Duarte Joly) *Entre a escravidão e a liberdade*. São Paulo: Minden - Pueri Domus Escolas Associadas, 2003, 31pp.

1.2. Organização de edição (CAIXA 2)

(com José Antonio Piqueras) *Revista de Indias. Monográfico – Los últimos imperios esclavistas: España y Brasil en el siglo XIX*. Madrid/Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Volumen LXXI, número 251, enero-abril 2011, 320pp.

1.3. Capítulos de livro (CAIXA 1)

(com Fábio Duarte Joly), “Slave Trade, Manumission and Citizenship in ancient Rome and Brazil: a comparative perspective”. In: Konstantinos Vlassopoulos, Steve Hodkinson e Marc Kleijwegt (ed.), *Oxford Handbook of Greek and Roman Slaveryes*. Oxford: Oxford University Press (no prelo; a cópia segue com o contrato de edição).imprimir

(com Márcia Berbel) “A escravidão nas experiências constitucionais ibéricas, 1810-1824”. In: Cecília Helena de Salles Oliveira; Vera Lúcia Nagib Bittencourt; Wilma Peres Costa. (Org.). *Soberania e Conflito: configurações do Estado nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 2010, pp. 78-117.

(com Dale Tomich) “O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX”. In: Keila Grinberg & Ricardo Salles (org.), *O Brasil Império (1808-1889). Vol.2 (1831-1870)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp.339-383.

“Espacio y poder en la caficultura esclavista de las Américas: el Valle del Paraíba en perspectiva comparada, 1750-1850”. In: José Antonio Piqueras (ed.), *Trabajo libre y trabajo coactivo en sociedades de plantación*. Madrid: Siglo XXI, 2009, pp.215-252.

* Documentação comprobatória depositada na Sessão de Apoio Acadêmico da FFLCH/USP.

“Comparando impérios: o lugar do Brasil no projeto escravista de Francisco de Arango y Parreño”. In: Maria Dolores González-Ripoll; Izáskún Álvarez Cuartero. (Org.). *Francisco Arango y la invención de la Cuba azucarera*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2009, pp. 67-84.

“A escravidão caribenha entre dois atlânticos: Cuba nos quadros das independências americanas”. In: *Revoluções de Independências e nacionalismos nas Américas – volume 3: Nova Granada, Venezuela e Cuba*. Ed. Marco A. Pamplona, Maria Elisa Mäder. São Paulo: Paz & Terra, 2009, pp.237-321.

(com Márcia Berbel) “Esclavitud, ciudadanía e ideologia pro-eslavista en las Cortes de Lisboa y la Asamblea Constituyente de Rio de Janeiro (1821-1824)”. In: Manuel Chust & Ivana Frasquet. (eds.). *Los colores de las independencias iberoamericanas. Liberalismo, etnia y raza*. Madrid: CSIC, 2009, pp. 119-142.

“Estrutura e agência na historiografia da escravidão: a obra de Emília Viotti da Costa”. In: *O historiador e seu tempo*. Ed. A.C.Ferreira, H.G.Bezerra, T.R.de Luca. São Paulo: Ed.Unesp, 2008, pp. 67-81.

(com Fábio Duarte Joly) “*Panis et disciplina et opus servo: The Jesuit Ideology in Portuguese America and the Greco-Roman Ideas of Slavery.*” In: *Slave Systems, Ancient and Modern*. Ed. Constantina Katsari and Enrico dal Lago. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp.214-30.

“A ausência da raça: escravidão, cidadania e ideologia pró-escravista nas Cortes de Lisboa e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1821-1824)”. In: Cláudia Maria das Graças Chaves; Marco Antonio Silveira. (Org.). *Território, conflito e identidade*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, pp. 63-88.

(com Carlos Bacellar) “A produção açucareira nas páginas da *Nitheroy*”. In: *Nitheroy. Revista Brasiliense – Ciencias, Letras, e Artes* (edição facsmiliar). Ed. Ana Beatriz Barel. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006, pp.69-86.

(com Márcia Berbel) “La esclavitud en las experiencias constitucionales ibéricas, 1810-1824”. In: *Bastillas, cetros y blasones. La independencia en Iberoamérica*. Ed. Ivana Frasquet. Madrid: Fundación Mapfre, 2006, pp.347-374.

“Escravidão e Independência: a ideologia da escravidão no Brasil, em Cuba e nos Estados Unidos nas décadas de 1810 e 1820”. In: In: I. Jancsó. (Org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005, pp.809-827.

“Paternalismo e governo dos escravos nas sociedades escravistas oitocentistas: Brasil, Cuba e Estados Unidos”. In: Manolo Florentino; Cacilda Machado (Org.). *Ensaio sobre a escravidão I*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2003, pp. 121-141.

“Governo dos escravos e ordem nacional: Brasil e Estados Unidos, 1820-1860”. In: István Jancsó (Org.). *Brasil: a formação do Estado e da nação*. São Paulo: Hucitec, 2003, pp. 251-265.

1.4. Artigos em periódico com seletiva política editorial (CAIXA 2)

(com Tâmis Parron) “Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão”. In: *Topoi*. 12 (23): 97-117, julho-dezembro 2011. imprimir

(com Tâmis Parron) “Revolta escrava e política da escravidão: Brasil e Cuba, 1791-1825”. In: *Revista de Indias*. LXXI (251): 19-52, enero-abril 2011.

“O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate”. In: *Anais do Museu Paulista*. 18(1): 83-128, jan-jun. 2010.

“A ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 16 (4): 855-880, out-dez 2009. imprimir

“1808 e o impacto do Brasil na construção do escravismo cubano”. In: *Revista USP – Dossiê Família Real no Brasil*, n. 79: 118-131, set-nov. 2008.

“African Diaspora, Slavery, and the Paraíba Valley Coffee Plantation Landscape: Nineteenth Century Brazil”. In: *Review. A Journal of the Fernand Braudel Center*, v.31 (2): 196-216, Spring 2008.

“Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura escravista no Vale do Paraíba oitocentista”. In: *Almanack Braziliense*. 7: 138-152, maio de 2008. imprimir

(com Márcia Berbel) “The absence of race: slavery, citizenship, and pro-slavery ideology in the Cortes of Lisbon and the Rio de Janeiro Constituent Assembly (1821-1824)”. In: *Social History*, v. 32 (4): 415-433, November 2007.

“O poder da escravidão: um comentário a *Senhores sem escravos*”. In: *Almanack Braziliense*, n.6: 14-18, novembro 2007. imprimir

“A paisagem da cafeicultura na crise da escravidão: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 44: 55-76, fevereiro 2007.

“Revisitando casas grandes e senzalas: a arquitetura das *plantations* escravistas americanas no século XIX”. In: *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. USP. Nova Série. 14 (1): 11-57, Jan/Jun 2006.

“A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência escrava, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII-XIX”. In: *Novos Estudos Cebrap*, 74: 107-123, março 2006.

“Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c.1830-1860.” In: *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. USP. Nova Série. 13 (2): 165-188, Jul./Dez.2005.

(com Tâmis Parron) “Azeredo Coutinho, Visconde de Araruama e a *Memória sobre o comércio dos escravos* de 1838”. In: *Revista de História*. Departamento de História da Universidade de São Paulo. 152: 99-126, 1º semestre de 2005. pegar revista

“Escravidão e questão nacional em Cuba: a ideologia pró-escravista entre 1790 e 1820”. In: *História Unisinos*. 8 (9): 233-262, junho 2004.

“Ideologia imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas, c1660-1720”. In: *Afro-Asia*, 31: 39-81, 2004.

1.5. Resenhas (PASTA 1)

“Nas malhas do tráfico negreiro. Alufá Rufino e o Atlântico Sul do século XIX”. *Folha de São Paulo. Ilustríssima*, São Paulo, pp. 5-6, 14 dez. 2010.

“Review – Roger A. Kittleson, “The Practice of Politics in Postcolonial Brazil: Porto Alegre, 1845-1895” (2005), and Jeffrey D. Needell, “The Party of Order: The Conservatives, the State, and Slavery in the Brazilian Monarchy, 1831-1871” (2006)”. In: *Social History*, v. 33, pp. 83-86, 2008.

“História, antropologia e a cultura afro-americana: o legado da escravidão”. In: *Estudos Avançados*. 18 (50): 303-308, 2004.

“Uma virada historiográfica. Outra maneira de analisar o Brasil colonial”. *Folha de São Paulo. Jornal de Resenhas*, São Paulo, p. 5, 13 mar. 2004.

Um levante urbano. Uma grande revolta de africanos na Bahia do século XIX”. *Folha de São Paulo. Jornal de Resenhas*, São Paulo, p. 3, 08 nov. 2003.

1.6. Prefácios (CAIXA 1)

Capitalismo & Escravidão, de Eric Williams. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Além da Senzala. Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850), de Ynaê Lopes dos Santos. São Paulo: Hucitec, 2010.

1.7. Trabalho completo publicado em anais de congresso (PASTA 1)

“Trabalho e mercado mundial no patrimônio rural do Vale do Paraíba cafeeiro”. In: *2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial Lugares de Memória*, São Carlos: EESC-USP, 2010 (CD-Rom)

1.8. Orelhas de livro (CAIXA 1)

Pelo Prisma da Escravidão. Trabalho, Capital e Economia Mundial, de Dale W. Tomich. São Paulo: EDUSP, 2011.

Travessias Difíceis. Grã-Bretanha, os escravos e a Revolução Americana, de Simon Schama. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

O Sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos, de Gerald Horne. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A remissão do cativo. A dívida da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goitacases, c.1750-1830, de Márcio de Sousa Soares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

Comércio e canhoneiras. Brasil e Estados Unidos na Era dos Impérios (1889-97), de Steven C. Topik. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império, de Ricardo Salles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

A hidra de muitas cabeças. Marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário, de P.Linebaugh e M.Rediker. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Da África ao Brasil. Itinerários históricos da cultura negra, editado por Adriana Pereira Campos e Gilvan Ventura da Silva. Vitória: Flor & Cultura, 2007.

1.9. Artigos e entrevistas em veículos de divulgação (PASTA 1)

“Images enrich knowledge of slavery” (texto escrito por Merrill Douglas). *Binghamton University Magazine*, vol. 5, n.3, pp.12-13, fall 2009.

“Entrevista” Informe: informativa da FFLCH/USP. Edição Especial. São Paulo: FFLCH/USP, 2006, pp.86-88.

“Carlos Augusto Taunay - um agrônomo incomum”. *Desvendando a História*, São Paulo, pp. 24-25, 01 set. 2005.

“Sangue na Revolta dos Escravos”. *D.O. Leitura*, São Paulo, pp. 16-18, 01 fev. 2004.

2. Bolsas de pesquisa (PASTA 1)

Bolsista da *The Getty Foundation* (Collaborative Research Grant) entre agosto de 2005 e julho de 2009: Projeto *The World of the Plantation and the World the Plantations Made: The Great House Tradition in the American Landscape*.

Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ-2, CNPq (*Uma história compartilhada: a ideologia pró-escravista no Brasil e em Cuba. c1790-1870, 2007-2010; Paisagens da cafeicultura escravista nas Américas, c.1760-1880, 2010-2012*).

Bolsa de Pós-Doutorado no Exterior, FAPESP (novembro de 2009-janeiro de 2010): *As novas paisagens da escravidão. A produção do espaço de plantation em Cuba, nos Estados Unidos e no Brasil, século XIX*.

3. Atividade editorial (PASTA 1)

2005-2009: Membro do Conselho Editorial da *Revista de História*

2008-atual: Membro do Conselho Editorial da *Almanack* www.almanack.unifesp.br
(antiga *Almanack Braziliense* www.almanack.usp.br)

2008-atual: co-editor da série de livros *Slavery in the Atlantic World* (University Press of Florida)

2010-atual: co-editor da série de livro *Sklaverei und Postemanzipation* (Lit Verlag, Berlin)

4. Atividades de extensão (eventos, produção técnica) (PASTA 1)

Coordenador no 19º Simpósio de Iniciação Científica da USP, 21 a 23 de novembro de 2011.

Membro do Grupo de Trabalho Interinstitucional sobre Patrimônio Cultural do Café, IPHAN, maio de 2011.

Membro da Comissão Organizadora do Seminário Internacional *O século XIX e as novas fronteiras da escravidão e da liberdade*. 11 a 13 de agosto de 2009, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio Janeiro; 14 de agosto de 2009, Universidade Severino Sombra, Vassouras.

“Espaço e poder na cafeicultura escravista nas Américas: o Vale do Paraíba em perspectiva comparada, 1760-1860”, Conferência de Abertura *XXXVIII Semana de História – História & Regiões*, UEPG, Ponta Grossa, PR, 24 de setembro de 2008.

Coordenação do Seminário Temático *Os mundos do tráfico, da escravidão e do pós-emancipação em perspectiva atlântica: trajetórias históricas e narrativas*, XIX Encontro Regional de História Anpuh/SP - Poder, exclusão e violência, FFLCH/USP, São Paulo, 8 a 12 de setembro de 2008.

Curso de difusão “O Historiador e suas Fontes: abordagens, métodos e críticas”, carga horária de 32h, promovido pelo CEDHAL/FFLCH/USP, 2 de agosto a 27 de setembro de 2007.

Membro da Comissão Científica do *I Seminário de História do Café: História e Cultura Material*, Centro de Estudos do Museu Republicano “Convenção de Itu”, Museu Paulista/USP, 13 a 17 de novembro de 2006.

Coordenador do 14º Simpósio de Iniciação Científica da USP, 6 a 8 de novembro de 2006.

Palestra na VIII Semana de Geografia e História, “Bananal: trabalho de campo e pesquisa em história”, Unifiefio, Osasco-SP, 21 de junho de 2006.

Membro da Comissão Científica do *I Seminário de História do Açúcar - Canaviais, Engenhos e Açúcar: História e Cultura Material*. Museu Republicano “Convenção de Itu”, Museu Paulista/USP, 28 de novembro a 2 de dezembro de 2005.

Coordenação do Seminário Temático *Conexões atlânticas e o mundo da escravidão, século XVI-XIX*, XVII Encontro Regional de História Anpuh/SP – O lugar da História, Campinas/SP, 6 a 10 de setembro de 2004.

Membro da equipe da “Avaliação Nacional dos Livros Didáticos de 5ª a 8ª séries – PNLD 2005, junho a dezembro de 2003.

Coordenador dos trabalhos da sessão 81, 11º Simpósio de Iniciação Científica da USP, 5 de novembro de 2003.

Debate com João José Reis e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães por ocasião do lançamento da edição revista e ampliada de *Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês em 1835*. Anfiteatro do Departamento de História da FFLCH/USP, 23 de setembro de 2003.

Palestra no projeto Colégio de São Paulo da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, “Escravidão Negra e Inovações Técnicas nas Américas, séc. XVIII-XIX”, 17 de setembro de 2003.

5. Atividade docente como professor visitante (PASTA 1)

Universidade Federal de Ouro Preto, outubro de 2010: Curso de pós-graduação “*As novas paisagens da escravidão. Cuba, Estados Unidos e Brasil, século XIX*”, 20 horas.

Universidade de Salamanca, janeiro-fevereiro de 2007: *Esclavitud en las Americas desde una perspectiva comparada*”, 40 horas.

6. Participação em bancas julgadoras de concurso público docente (PASTA 1)

Banca para provimento de professor adjunto na área de História do Brasil Colonial, Universidade Federal de São Paulo, junho 2010.

Banca de concurso público para admissão de professor adjunto em História do Brasil, Universidade Federal do Paraná, fevereiro de 2008.

Banca para provimento de professor doutor MS-3, História do Brasil Colonial, Universidade de São Paulo, junho de 2004.

7. Orientações concluídas (dissertações de mestrado) (CAIXA 2)

Alain El Youssef. *Imprensa e escravidão: política e tráfico negreiro no Império do Brasil (Rio de Janeiro, 1822-1850)*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2010.

Tâmis Peixoto Parron. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2009.

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior. *A Escravidão e a Lei: gênese e conformação da tradição legal castelhana e portuguesa sobre a escravidão negra na América, séculos XVI-XVIII*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2009.

Camila Loureiro Dias. *Civilidade, Cultura e Comércio: os princípios fundamentais da política indigenista na Amazônia (1614-1757)*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2009.

Jackson Ferguson Costa de Farias. *Honra e escravidão: um estudo de suas relações na América portuguesa, séc.XVI-XVIII*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, 2008.

Renata Romualdo Diório. *As Marcas da Liberdade: trajetórias sociais de libertos em Mariana na segunda metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2007.

Ynaê Lopes dos Santos. *Além da Senzala. Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, 2007.

8. Trabalhos apresentados em conferências, congressos, simpósios e seminários (PASTA 2)

“As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e a historiografia sobre a escravidão brasileira”, Colóquio Nacional *Ordem e Ruptura em Debate: escravidão e alforria*, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 8 e 9 de novembro de 2011.

“Paisagem agrária e estrutura fundiária no mundo do café: o processo da fazenda Perapetinga, Bananal, século XIX”, Cuarto Seminário *Cuba y la Plantación esclavista. Mundos paralelos: alternativas ao régimen hegemónico*, Fundación Antnio Nuñez Jiménez de la Naturaleza y el Hombre, Havana, Cuba, 21 a 26 de outubro de 2011.

“Capitalism, Slavery, and the Brazilian Coffee Economy in the Long XIXth Century”, Conferência *New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams. Capitalism, Slavery and Statesmanship*, S.Catherine’s College, Oxford University, Oxford, Inglaterra, 24 e 25 de setembro de 2011.

“Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX”, Mesa Redonda *No centenário de Eric Williams: capitalismo e escravidão*, Unifesp, Guarulhos (SP), 13 de setembro de 2011.

“A internacional pró-escravista: a política da escravidão nos Estados Unidos, no Brasil e em Cuba, c.1820-1860”, Programa de Seminários em História Econômica, *Hermes & Clio*, FEA-USP, São Paulo/SP, 4 de maio de 2011.

“A internacional pró-escravista: a política da escravidão nos Estados Unidos, no Brasil e em Cuba, c.1820-1860”, Mesa Redonda *Escravidão e Política: de Roma às Américas*, PPGHIS/UNEB, Santo Antonio de Jesus, Bahia, 17 de novembro de 2010.

“Trabalho e mercado mundial no patrimônio rural do Vale do Paraíba cafeeiro”, Conferência proferida no 2º *Seminário de Patrimônio Agroindustrial Lugares de Memória*, EESC-USP, São Carlos (SP), 2010.

“The Proslavery International and the Politics of the Second Slavery”. Conferência *The Politics of the Second Slavery: Conflict and Crisis on the Nineteenth-Century Atlantic Slave Frontier*, Fernand Braudel Center, SUNY-Binghamton, Binghamton EUA, 15 e 16 de outubro de 2010.

“The Proslavery International and the Politics of the Second Slavery”. Palestra no *Circum-Atlantic Studies Seminar*, Vanderbilt University, Nashville, EUA, 17 de outubro de 2010.

“Revolta escrava e política da escravidão: Brasil e Cuba, c.1790-1825” Colóquio Mascipo-UMR 8168 *The Empires of the Atlantic World in Revolution*, EHESS, Paris, 28 a 30 de junho de 2010.

“O regime visual da escravidão oitocentista: o caso da fazenda Resgate”. Seminário Internacional *O século XIX e as novas fronteiras da escravidão e da liberdade*, Unirio-USS, Rio de Janeiro/Vassouras (RJ), 11 a 14 de agosto de 2009.

“O regime visual das paisagens de *plantation*: Cuba, Estados Unidos e Brasil, século XIX”. Seminário *Repensando a Plantation: paisagens simbólicas, sociais e materiais*, Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, 4 e 5 de maio de 2009.

“Comparando Impérios: a experiência do tempo e o lugar do Brasil no projeto escravista de Francisco de Arango y Parreño”. Seminário Internacional *Revoluções de Independência e Construção da Nação na América Ibérica*, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1 a 3 de dezembro de 2008.

“A ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada”. *II Seminário de História do Café: História e Historiografia*, Museu Paulista/USP, Itu (SP), 10 a 14 de novembro de 2008.

“Espaço e poder na cafeicultura escravista das Américas: o Vale do Paraíba em perspectiva comparada”. *XIX Encontro Regional de História Anpuh/SP - Poder, exclusão e violência*. FFLCH/USP, São Paulo, 12 de setembro de 2008.

“1808 e a circulação dos saberes escravistas: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada.” Seminário *As ciências no Brasil no período joanino*, MAST-Fiocruz, Rio de Janeiro, 18 a 20 de agosto de 2008.

“Comparando impérios: a experiência do tempo e o lugar do Brasil no projeto escravista de Francisco de Arango y Parreño (1789-1832)”. Congreso Internacional *Francisco Arango y la invención de la Cuba azucarera*, CCHS/CSIC, Madrid, 11 a 13 de junho de 2008.

“Espaço e poder na cafeicultura escravista das Américas: o Vale do Paraíba em perspectiva comparada, 1760-1860”. V Coloquio Internacional de Historia Social - *Trabajo libre y trabajo coactivo en sociedades de plantación*, Universitat Jaume I, Castellón, Espanha, 3 e 4 de abril de 2008.

“Francisco de Arango y Parreño e o lugar do Brasil na construção institucional da escravidão cubana (1789-1832)” Conferência Inaugural do primeiro semestre letivo de 2008, PPGH/Unirio, Rio de Janeiro, 18 de março de 2008.

“African Diaspora, Slavery, and the Paraíba Valley Coffee Plantation Landscape (Brazil - XIXth Century)”. Conferência Internacional *Atlantic Slavery in the Age of Revolution, 1760-1868*, University of Leeds, Leeds, Inglaterra, 12 a 14 de dezembro de 2007.

“Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura escravista no Vale do Paraíba oitocentista”, Conferência de Abertura do *Simpósio Regional de História Social do Território*, UERJ, São Gonçalo/RJ, 5 de dezembro de 2007.

“Possibilidades de abordagens das fontes para o estudo do trabalho em áreas açucareiras”, Mesa Redonda, *II Seminário de História do Açúcar – trabalho, população e cotidiano*, Museu Republicano de Itu /USP, Itu/SP, 14 de novembro de 2007.

“Escravidão e devastação ambiental no Vale do Paraíba cafeeiro (Brasil, século XIX)”. Simposio *Cuba: Historia y Naturaleza*, Sección de Historia de la UNEAC, Havana, Cuba, 14 a 17 de junho de 2007.

“A ausência da raça: escravidão, cidadania e ideologia pró-escravista nas Cortes de Lisboa e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1821-1824)”. *I Simpósio Impérios e Lugares no Brasil: Território, Conflito e Identidade*, UFOP, Mariana / MG, 29 a 31 de maio de 2007.

“A paisagem da cafeicultura na crise da escravidão: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm”. *I Seminário de História do Café: História e Cultura Material*, Museu Republicano/Museu Paulista/USP, Itu/SP, 13 a 17 de setembro de 2006.

“Estrutura e agência na historiografia da escravidão: a obra de Emília Viotti da Costa”. Mesa Redonda *Da Senzala à Colônia: 40 anos depois*, XVIII Encontro Regional de História – Anpuh/SP, *O historiador e seu tempo*, Unesp, Assis/SP, 28 de julho de 2006.

“The Absence of Race: Slavery, Citizenship, and Pro-slavery Ideology in the Cortes of Lisbon and in the Constitutional Assembly of Rio de Janeiro (1821-1824)”. Simpósio *Slavery, Enlightenment, and Revolution in Colonial Brazil and Spanish America*, Fordham University, Nova Iorque/SP, 5 de maio de 2006.

“O Antigo Sistema Colonial em perspectiva” Seminário no *CEBRAP*, São Paulo/SP, 24 de março de 2006.

“Visualidade e poder na iconografia açucareira: dos relatos de viagem do século XVI aos manuais de fazendeiro do século XIX”, *I Seminário de História do Açúcar: História e Cultura Material*, Museu Republicano/Museu Paulista/USP, Itu/SP, 28 de novembro a 5 de dezembro de 2005.

“Revisitando casas grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas nas Américas, século XIX”. Conferência de Abertura, *II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, UFRGS, Porto Alegre/RS, 26 a 28 de outubro de 2005.

“A dinâmica da escravidão no Brasil. Resistência escrava, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX”. Seminário da Linha de Pesquisa *Espaço & Sociabilidades*, Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, PR, 29 de setembro de 2005.

“A escravidão nas experiências constitucionais ibéricas, 1810-1824”. Seminário Internacional *Brasil – De um Império a Outro (1750-1850)*. FFLCH/USP, São Paulo, 5 a 9 de setembro de 2005.

“La dinámica de la esclavitud en el Brasil: resistencia esclava, tráfico negrero y manumisión, siglos XVII-XIX”. *Primer encuentro entre historiadores colombianos y brasileños*, IBRACO, Bogotá, Colombia, 4 e 5 de agosto de 2005.

“Abolição e pós-emancipação, Cuba e Brasil”. Seminário Internacional *Saídas da escravidão e políticas públicas*, SEPPIR/Governo Federal, Brasília, DF, 28 de fevereiro a 2 de março de 2005.

“De re rustica and oikonomia in the modern world: greco-roman ideas of slavery and the jesuit ideology in Portuguese America”. International Conference *Slave Systems: Ancient and Modern*, National University of Ireland, Galway, 26 a 28 de novembro de 2004.

“Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais em Cuba e no Brasil, c.1830-1860”. *XVI Encontro Regional de História – ANPUH/SP, O Lugar da História*, Unicamp, Campinas/SP, 6 a 10 de setembro de 2004.

“Escravidão e poder patriarcal nos escritos sobre o governo dos escravos nas Américas, c1660-1720”. *VII Conferência Internacional sobre a História dos Conceitos. Diálogos Transatlânticos*, IUPERJ, Rio de Janeiro, 7 a 9 de julho de 2004.

“Escravidão e independência”. Seminário Internacional *Independência do Brasil: História e Historiografia*, FFLCH/USP, São Paulo, 1 a 6 de setembro de 2003.